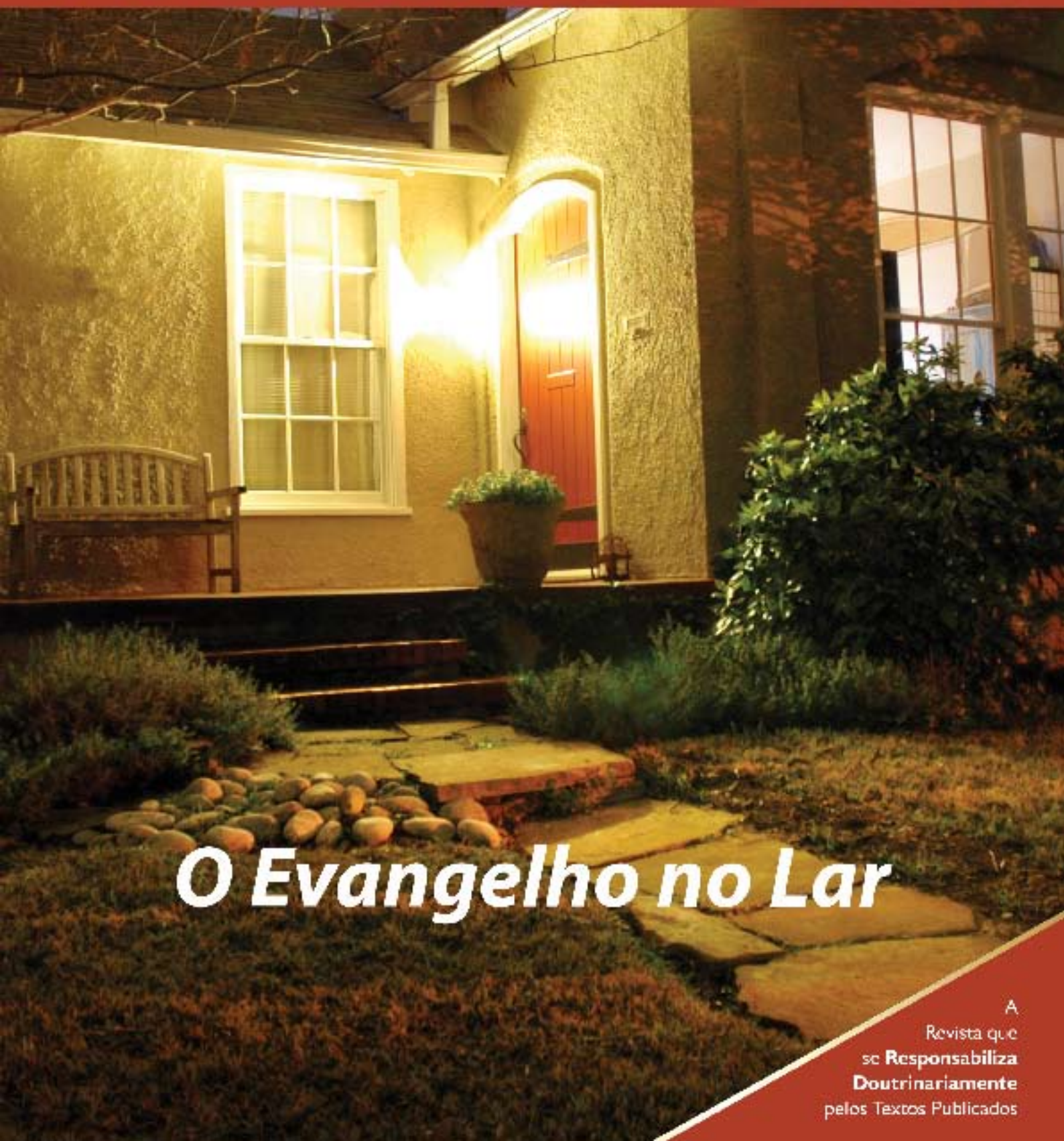




vistafidelidade@terra.com.br • ano V • Mar-Abr/2007 • nº 54-55 • R\$10,00

Revista

Fidelidad **ESPÍRITA**



O Evangelho no Lar

A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

SUMÁRIO

4 REFLEXÃO

PREOCUPAÇÃO DE CHICO XAVER QUANTO AO AVANÇO DA
DOCTRINA - O SEU TRABALHO

Como conciliar o trabalho doutrinário com a parte
administrativa e burocrática

12 CURIOSIDADE

PROTEÇÃO ESPIRITUAL

Acontecimentos inesperados

13 CURIOSIDADE

A CARROÇA

Ensinamento curioso

14 CAPA

O EVANGELHO NO LAR

Por que e como fazer o Evangelho no Lar

18 ESTUDO

O AMIGO BELETRISTA

Testemunho dos amigos espirituais

27 COM TODAS AS LETRAS

SEQUER EXIGE NEGATIVA ANTES

Importantes dicas da nossa língua portuguesa

FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO MSN
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimentovistafidelidade@hotmail.com



Edição
Centro de Estudos Espíritos
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Equipe Editorial
Adriana Levantesi
Leandro Camargo
Rodrigo Lobo
Sandro Cosso
Thais Cândida
Zilda Nascimento

Jornalista Responsável
Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico
Fernanda Berquó Spina

Revisão
Equipe FidelidadEspírita

Administração e Comércio
Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural
Braga Produtos Adesivos

Impressão
Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritos
"Nosso Lar" responsabiliza-se
doutrinariamente pelos artigos
publicados nesta revista.



Alguém situado no interior do próprio lar confundirá, freqüentemente, os sons peculiares ao ambiente doméstico com aqueles que vêm de fora.

Nem sempre saberá discernir, de imediato, se a música que ouve provém de algum cômodo em sua própria casa ou surge mais além, na vizinhança.

Do mesmo modo, o motor de um carro barulhento passando na rua poderá confundir-se com algum ruído mais estridente dentro do próprio lar.

Entretanto, bastará examinar o ambiente interior para diferenciar, sem margem de dúvida, os sons que lhe são próprios daqueles que brotam do exterior.

O mesmo pode ocorrer com o médium iniciante.

Embora resida no centro das próprias emanções mentais, registrará constantemente a influência dos espíritos que o circundam. Natural, portanto, que muitas vezes, interprete as sugestões que lhe chegam do mundo extrafísico como fruto do próprio pensamento e vice-versa.

Contudo, bastará seguir a orientação de Allan Kardec examinando cuidadosamente a si mesmo, para superar a hesitação e seguir adiante.

Perante a dúvida, aprende a percorrer o interior da tua própria casa mental, onde identificarás os pensamentos e emoções que compõem o teu ambiente psíquico.

Ouvirás "músicas" que não te pertencem, bem como "ruídos" que chegam de fora, evidenciando a constante movimentação do mundo espiritual ao teu redor.

Com esforço e disciplina, conquistarás, ao longo do tempo, o discernimento necessário para a devida segurança.

Em mediunidade, não te precipites, nem desanimes.

Estuda, medita e cultiva serenidade.

O mais importante é conscientizares que, independentemente da tua sensibilidade mediúcnica, és um espírito imortal a caminho da elevação, cabendo a ti zelar pelo teu mundo psíquico. Dessa forma, estarás abrindo naturalmente as portas da mediunidade para franquear entrada aos espíritos amigos.

Augusto
LEVY, Clayton. Mediunidade e Autoconhecimento. CEAK. 2003

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br

(19) 3233-5596

Assinaturas

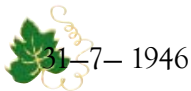
Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritos "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Preocupação de Chico Xavier quanto ao avanço da Doutrina - O seu trabalho

por Suely Caldas Schubert



21-7-1946

“(...) Continuo fazendo votos a Deus para que tudo aí se processe calmamente. Sentindo a delicadeza da hora que atravessamos, rogo a Jesus nos guie na luta e te inspire na ação. Tenho receio de que se forme uma ala de descontentes e revoltados em torno de tua administração que vem produzindo tantos frutos benéficos e substanciais. Encontro-me, porém, em prece, pedindo ao Alto nos ajude e ilumine a todos (...).

Grato pelas informações que me envias, quanto ao “Obreiros da Vida Eterna”. Fizeste muito bem, colocando o texto de acordo com o quadro de apresentação da capa. A tua idéia de modificar a expressão foi muito feliz. (...)”

Seis dias depois, Chico escreve novamente a Wantuil e, logo no início, refere-se às preocupações de ambos em relação à Assembléia da FEB que se aproximava.

Reconhece mais do que ninguém, os “frutos benéficos e substanciais” que a administração de Wantuil de Freitas produz. Este fato o leva a rezear que se forme uma “ala de descontentes e revoltados”,

pois sabe, à saciedade, que quando o trabalhador se empenha e persevera na obra do bem os resultados positivos se fazem sentir, mas logo surgem aqueles que não se afinam com tais resultados. Que sempre pensam poder fazer melhor. Que sentem inveja e ciúme. Que se revoltam por não serem responsáveis pelo êxito. Ou, ainda, aqueles que, tendo uma outra ótica da tarefa, não se conformam com os métodos adotados.

Intercalando os seus comentários sobre o assunto, menciona o livro de André Luiz, “Obreiros da Vida Eterna”, e deixa claro que está de acordo com a providência de Wantuil quanto a determinado texto em relação à capa. O mesmo acontece quando ele modifica uma expressão. A identificação entre os dois se tona, a cada dia, mais evidente.

Wantuil tem condições de argumentar, sugerir e modificar. Está à altura dessa tarefa. E consoante o espírito de liberdade existente entre ambos, quando não estão de acordo sobre algum ponto não há constrangimento nessa discordância, mas, sim, troca de idéias até



que o pensamento se harmonize para o bom êxito do labor a que se dedicam.

“(...) Imagino a tua luta nos círculos grandes do trabalho a que foste chamado. Estou praticamente num retiro distante, em pleno sertão, e, pelo pouco que vejo e sinto, às vezes me reconheço quase vencido pela extensão dos embates morais... Então, passo a calcular o que será a tua batalha enorme sob o fogo cruzado das opiniões contraditórias e das atitudes incompreensíveis. Deus te guarde e te conceda forças para prosseguir.”

Chico avalia a extensão das lutas de Wantuil “nos círculos grandes do trabalho”. De longe, do “retiro distante”, que as características do seu labor assim o exigiam, Chico se mantém sintonizado com a tarefa ingente encetada por Wantuil de Freitas.

As tarefas dos dois, embora diferentes, se completam.

O trabalho de Chico Xavier para a recepção dos livros, das mensagens do Mundo Espiritual Maior, exige uma certa reclusão, um ambiente que não lhe traga problemas de cunho administrativo, mesmo os de âmbito menor, e um pequeno grupo de companheiros também afinizados com o seu ministério apostolar que lhe garanta um mínimo de tranqüilidade imprescindível para levá-lo adiante.

Já Wantuil de Freitas, espírito decidido, culto, dinâmico, bastante avançado para a sua época, é bem aquele desbravador que a FEB necessita àquela hora — para ampliar o trabalho do livro e sedimentá-lo, sem, contudo, descuidar-se de todas as outras imensas atividades afetas à

Federação e que, igualmente, merecem da sua conhecida competência toda dedicação e empenho para o seu desenvolvimento constante. Durante a sua administração, momentos cruciais e decisivos enfrentados pela FEB, por Chico Xavier e pelo próprio Movimento Espírita foram

conquanto por vezes sejam muito cobiçados, são bastante espinhosos, quando se deseja realmente servir a Jesus.

Aquele que ocupa um cargo diretivo é sempre alvo da análise crítica dos que o circundam. Está em posição de destaque pela natureza

Aquele que ocupa um cargo diretivo é sempre alvo da análise crítica dos que o circundam

por ele superados com o necessário descortino, zelo e inspiração.

Chico descreve muito bem a posição difícil de Wantuil: “Então, passo a calcular o que será a tua batalha enorme sob o fogo cruzado das opiniões contraditórias e das atitudes incompreensíveis.”

Os encargos administrativos,

do encargo, mas carrega nos ombros graves responsabilidades das quais deve desincumbir-se do melhor modo possível, se não quiser atrair para si, no futuro, pesado ônus.

Assim, os que ocupam cargos diretivos nas instituições espíritas, em especial os presidentes, têm sempre compromissos assumidos no Plano



REFLEXÃO

Espiritual Maior, que deles aguardam testemunhos de fidelidade e amor à Causa.

No caso específico de Wantuil de Freitas houve toda uma progra-

sua profícua administração à frente da Casa de Ismael veremos os traços marcantes de sua passagem, de sua ação dinâmica e por vezes pioneira, ficando assim o seu nome registra-

Xavier.

A obra do bem é árdua e seu caminho juncado de espinhos. Os que desejam servir a Jesus, os que estão compromissados com Ele, os



mação conjunta para que ele desse a necessária cobertura, para que incrementasse e impulsionasse o trabalho missionário de Chico Xavier. Mas, não apenas esse trabalho, e, sim, todos os demais que são pertinentes à Casa-Máter do Espiritismo no Brasil. Ao longo de

do condignamente na história do Espiritismo no Brasil.

Pela importância de sua missão, naquele momento, Wantuil foi alvo, como não podia deixar de ser, do “fogo cruzado das opiniões contraditórias e das atitudes incompreensíveis”, como observa Chico

que escolheram a “porta estreita” não devem esperar flores sob os seus passos e os aplausos imediatos às suas atitudes. Em verdade, os discípulos que se conservam fiéis caminham enfrentando asperezas e obstáculos, quase sempre solitários e incompreendidos. E quanto mais ►

ampla, quanto mais extensa for a responsabilidade do cargo, maiores serão as investidas negativas. Quase ninguém se lembra de oferecer as suas forças para ajudar. Pouquíssimos estão prontos a cooperar e a entender que a obra não é nossa, não é de A ou B, mas de Jesus. Que estão, servindo não a este ou aquele, mas à Doutrina Espírita.

Por isso, não é nada fácil enfrentar esse “fogo cruzado” que Chico menciona. Isto porque o servidor atento e fiel não irá revidar com as mesmas “armas”, no mesmo padrão, no mesmo nível. Sua defesa serão seus atos, os exemplos que der, os resultados que apresentar. Terá que ser tolerante sem ser conivente ou omissivo. Deverá ser firme e decidido na sua atuação, sem que isto expresse ou signifique qualquer

tipo de agressão. Por certo, ocorrem erros, falhas e enganos, e isto é natural, já que ninguém é infalível. Mas, há que se levar em consideração os acertos, os pontos positivos, os resultados benéficos e que dão um saldo favorável, atestando a validade e a qualidade do trabalho.

Principalmente, aquele que está à frente de qualquer instituição deverá caminhar com a serenidade

em seu íntimo a noção do dever cumprido.

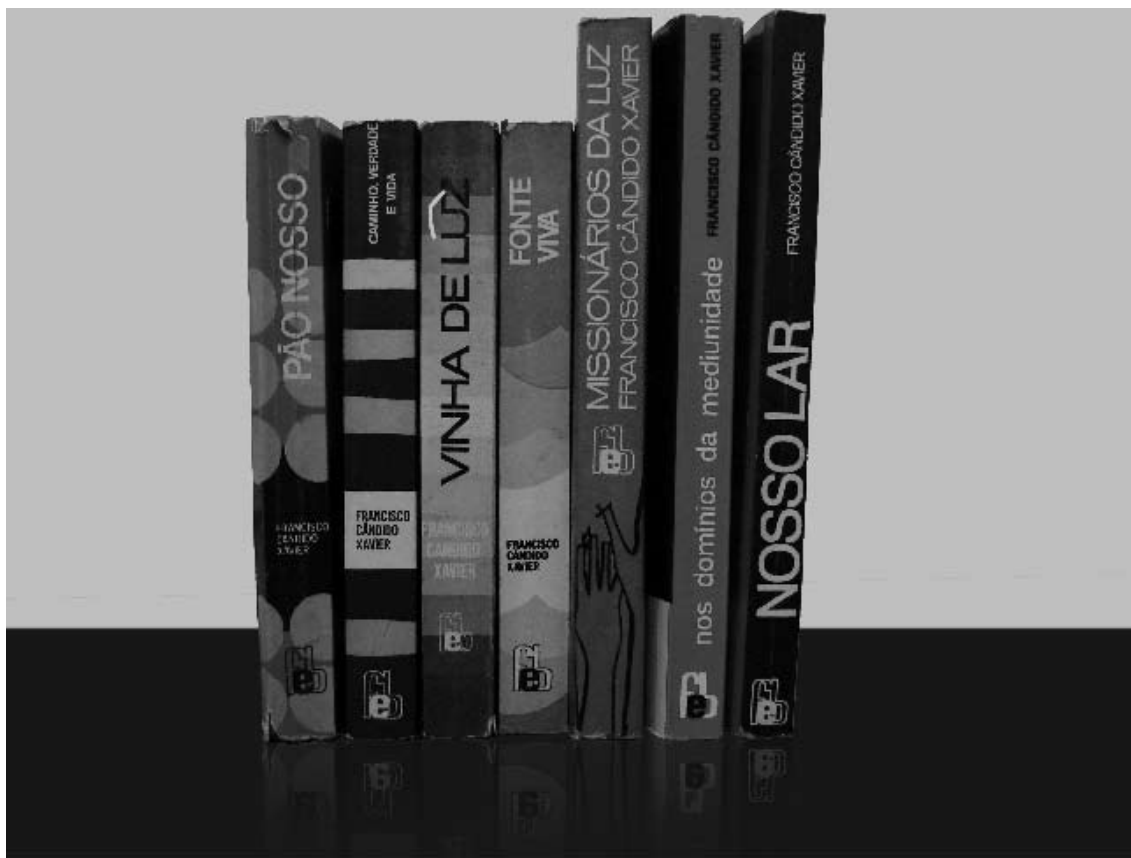
Seja Jesus o nosso exemplo, o modelo que o Pai enviou aos homens, conforme está na resposta à questão 625 de “O Livro dos Espíritos”.

“Creio que estamos numa hora séria do Espiritismo no Brasil. A Doutrina avançou muito no terreno da estatística,

Hoje, em todo país circulam as suas obras mediúnicas, numa clara resposta da Espiritualidade Maior

que advém da certeza de que jamais conseguirá agradar a todos. Sempre haverá por perto alguém que lhe cobre mais. O essencial é que haja

da aceitação. Precisamos pensar que 400 a 500 mil pessoas declararam-se espíritas no recenseamento em 1940. Como atender aos interesses espirituais ▶



REFLEXÃO

dessa comunidade tão grande? Como dar-lhes o pão da alma? Como organizar, isto é, auxiliar a organização dos núcleos iniciantes? Por que processo orientar os milhares de almas que começam, ajudando-lhes a manter a claridade do bom ânimo? Os famintos

Xavier trouxe a principal contribuição para minimizar os problemas que ele relaciona. Para clarificar os caminhos.

A partir da sua obra psicográfica, uma nova mentalidade se forma no meio espírita. Seus livros indicam,

Cada novo ensinamento nos recorda alguma coisa ou nos desperta para a razão. O raciocínio se amplia, a mente adquire aos poucos uma lucidez que tende a se expandir a cada momento.

E enquanto essa abençoada produção mediúnica, toda ela alicerçada na Codificação Kardequiana, nos abre perspectivas ilimitadas e impele-nos à transformação moral que caracteriza o verdadeiro espírita, conforme preconiza Allan Kardec, Chico Xavier espelha, ele próprio, o exemplo edificante do fiel discípulo do Senhor.

Mas, recordemo-nos, por uma questão de justiça, de que antes dele vamos encontrar também figuras exponenciais que igualmente exemplificaram, através de suas vidas, qual deve ser a atitude do verdadeiro espírita, e que merecem o nosso carinho e respeito: Bittencourt Sampaio, Bezerra de Menezes, Antônio Sayão, Caírbar Schutel, Anália Franco, Adelaide Câmara, Eurípedes Barsanulfo, Zilda Gama, José Petitinga, Guillon Ribeiro, para citar apenas alguns, que se dedicaram integralmente a Jesus.

Quando Chico Xavier inicia a sua tarefa, vem atender exatamente à grande expansão que a Doutrina Espírita teria dali para a frente. Fazia-se, pois, necessário incrementar a sua propagação mediante o livro, que chegaria a todos os rincões, suprimindo assim as carências humanas.

Com que emoção podemos, hoje, responder ao amigo Chico Xavier quando ele pergunta a Wantuil de Freitas: “Como atender aos interesses espirituais dessa comunidade tão grande? Como dar-lhes o pão da

Chico Xavier espelha, ele próprio, o exemplo edificante do fiel discípulo do Senhor

e sedentos de consolação e de esclarecimento chegam em grande número às nossas fileiras, todos os dias. Como ampará-los e satisfazê-los? Essas perguntas dão-me tristeza. Sei que a obra é de Jesus; que o serviço é do Alto, mas não ignoramos que os Mensageiros Divinos precisam de mãos humanas. Diz Emmanuel que “não pode haver operação sem cooperação” e fico a cismar, meu caro amigo, sobre este mundo enorme de trabalho com que somos atualmente defrontados. Sou um nada, uma migalha de pó, bem o sei. E por isso mesmo, sentindo a minha insignificância, peço a Jesus, meu amigo, te guarde o coração no grande ministério de orientação em que te encontras. (...)”

Texto atual esse, observadas as devidas atualizações estatísticas para a nossa época quase quarenta anos depois.

As indagações de Chico Xavier merecem a nossa análise. Transcorridas essas quase quatro décadas já podemos ter algumas respostas. Ou enxergar os rumos que conduzem a soluções objetivas e práticas.

Como estamos hoje?

O próprio trabalho de Chico

eles mesmos, as respostas às indagações que ele fez naquele instante.

Hoje, em todo o País circulam as suas obras mediúnicas, numa clara resposta da Espiritualidade Maior, que zela para que o Consolador prossiga em seu avanço progressivo. Diz-nos o Espírito de Verdade:

“Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.” (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Prefácio.)

O que vemos na atualidade é a confirmação plena dessas palavras.

Com os livros psicografados por Chico Xavier ampliou-se o gosto pelo estudo. Como também se formou uma consciência do quão pouco sabemos e do quanto há para aprender. Novos horizontes, amplas perspectivas se abriram. Foi como se no espaço profundo da nossa ignorância se descerrasse uma imensa cortina mostrando aos nossos olhos deslumbrados os planos do infinito.

alma? Como organizar, isto é, auxiliar a organização dos núcleos iniciantes? Por que processo orientar os milhares de almas que começam, ajudando-lhes a manter a claridade do bom ânimo? Os famintos e sedentos de consolação e de esclarecimento chegam em grande número às nossas fileiras, todos os dias. Como ampará-los e satisfazê-los? Essas perguntas dão-me tristeza. Sei que a obra é de Jesus, que o serviço é do Alto, mas não ignoramos que os Mensageiros Divinos precisam de mãos humanas.” Sim, querido Chico, os Mensageiros Divinos utilizaram-se de suas mãos generosas e produziram milhares de páginas consoladoras, milhares de conceitos esclarecedores que beneficiam hoje milhões de criaturas, derramando sobre elas o bálsamo da consolação, a luz do esclarecimento e abrindo-lhes as janelas da esperança de uma vida que não cessa no túmulo, que

prossegue além da morte física, de uma vida que não se extingue porque continua ad infinitum, possibilitando transformar o ódio em amor e fortalecendo os amores já existentes, que se sublimam à medida em que se despojam de todo o humano egoísmo.

em pequeno número, comparados à grande procura, a essa massa imensa de pessoas que buscam a Doutrina, estão realizando um trabalho de grande alcance cujos frutos, por ora, apenas começamos a entrever. Novos núcleos espíritas surgiram. Os Centros proliferaram,

Esse o pão para as almas, Chico, que você ajudou a repartir

Esse o pão para as almas, Chico, que você ajudou a repartir.

Estimulados, os espíritas integrados na seara desdobraram já alguma parte desse riquíssimo acervo de ensinamentos. Escritores, oradores, jornalistas, expositores, estudiosos de várias procedências foram despontando e, embora sejam

as instituições assistenciais se multiplicaram. Conquanto possamos fazer restrições, em certos casos, quanto à preservação doutrinária à qualidade do labor, ou a vários outros aspectos, o fato é que imbuídos de boa vontade e boa-fé muitas almas se arregimentaram para o trabalho da sementeira. ▶



REFLEXÃO

Por outro lado, o trabalho iniciado por Guillon Ribeiro e avivado por Wantuil na Federação Espírita Brasileira, com a ampliação da editora febiana, tem recebido continuamente, das administrações subseqüentes, o impulso necessário para que a gigantesca obra de divulgação da Doutrina Espírita, através do livro, atenda às necessidades de cada momento.

Assim é que a FEB tem, atualmente, um dos mais modernos parques gráficos do país, do qual todos nos orgulhamos.

A Unificação ganhou consistência, mormente a partir do Pacto Áureo. O sistema federativo foi aperfeiçoado com o transcurso do tempo, as idéias e os ideais amadureceram. O ideal de união tornou-se maior e mais firme a cada dia. Há

uma aceitação e afinização dos Estados em torno da Federação Espírita Brasileira, graças, principalmente, à criação de um importante método de trabalho que são as Zonais. Entendeu-se, finalmente, que a FEB não dita normas. Nunca teve e não tem a pretensão de governar. Não avoca para si o poder — se é que na simplicidade e singeleza da prática da Doutrina Espírita se possa enxergar alguma forma de poder temporal ou material. Não há poder algum em nosso meio. Isto não existe. Como não há supremacia alguma, a não ser a que advém das conquistas espirituais, mas, estas, por isso mesmo, não se jactam, ▶

A mensagem do Espiritismo está sendo espalhada como sementes de luz em milhares de corações



não se impõem e nem procuram o aplauso passageiro do mundo, Se se torna evidente, é tão-somente pelos resultados que apresenta, o que, como é óbvio, suscita reações contrárias.

As bênçãos do Alto têm sido pródigas e incessantes, todavia vemos com pesar a cizânia em nossas fileiras. As dissidências, bem o sabemos, existem, mas não deixam de ser naturais se levamos em conta a multiplicidade de níveis de compreensão, a vasta gama de estágios evolutivos. Querer que todos pensem de maneira idêntica, que haja unificação de pensamentos, é uma utopia. Há mesmo salutar efeito nessa variedade, pois as contribuições se diversificam e são essas diferenças que caracterizam cada ser humano. Entretanto, com o tempo, os homens se tornarão mais amadurecidos. O Espiritismo será melhor apreendido e as divergências tenderão, portanto, a diminuir. E acabarão por desaparecer (ainda que nos pareça tardar muito esse momento), como nos assevera o Espírito de Verdade: “Tenho-vos dito que a unidade se fará na crença espírita; ficai certos de que assim será; que as dissidências, já menos profundas, se apagarão pouco a pouco, à medida que os homens se esclarecerem e que acabarão por desaparecer completamente. Essa é a vontade de Deus, contra a qual não pode prevalecer o erro.” (“O Livro dos Médiuns”, Cap. XXVII, Item 301.)

Evidentemente, com o aumento considerável de pessoas que buscam

o Espiritismo, muita coisa há para ser feita. Muitas lacunas, muitas falhas, muito o que aprimorar. Mas não podemos exigir e cobrar nada

poderá auxiliar efetivamente. Diz da sua insignificância, da sua pequenez espiritual. E nos dá, assim, a exemplificação da verdadeira humildade,

Trabalhem no campo que nos foi confiado, fazendo o melhor

de quem quer que seja. Tudo vem a seu tempo. Estamos vivendo a hora em que a mensagem do Espiritismo está sendo espalhada como sementes de luz em milhares de corações. Como na parábola, as sementes encontrarão terreno árido ou fértil. Não tenhamos pressa ou ansiedade pelos resultados. Trabalhem no campo que nos foi confiado, fazendo o melhor. Se o nosso irmão ainda não assimilou a mensagem da Doutrina, compete-nos ajudá-lo com o nosso exemplo, com a permuta de experiências, com o estudo fraterno. Cada um está situado no campo de suas aquisições pessoais. O somatório de todas essas realizações formam o Movimento Espírita. São as “mãos humanas que os Mensageiros Divinos procuram.

Compete-nos avaliar, em auto-análise criteriosa, qual tem sido a nossa contribuição para a Doutrina. De que maneira colocamos as nossas mãos a serviço desses Mensageiros Divinos.

Terminando as suas reflexões em torno do Movimento Espírita, Chico se diz “um nada, uma migalha de pó”, e deixa claro que ele próprio não tem noção de como

na grandeza de suas conquistas íntimas. Como missionário que é, não se dá conta disso e nem tem a pretensão de sê-lo. Não se julga maior ou melhor, ao contrário, tem consciência do muito que lhe falta ser. Porque já pode entrever a magnitude das esferas elevadas, entende o quanto há de grandiosidade na infinita espiral evolutiva, perante a qual ainda se acha na posição de uma migalha de pó.


Por isso, Chico Xavier diz ao amigo que apesar de sua insignificância estará vibrando por ele e pedindo a Jesus “te guarde o coração no grande ministério de orientação em que te encontras”.

Fonte:

SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Pág. 76 - 86. Feb

Proteção Espiritual

por Waldo Vieira / Espírito Hilário Silva

 Marques, o ex-presidente do templo espírita, falava ao companheiro:

- Teremos assembléia geral depois de amanhã e estou colecionando os documentos. Veremos quem pode mais. Desmoralizarei os mandriões.

E Osório, o amigo fiel, ponderava:

- Mais calma. O senhor foi presidente por muitos anos. Sempre respeitado. Sempre querido. Recordemos nossas reuniões. Nosso Dias da Cruz, que o senhor conheceu tão bem, quando neste mundo, prometeu ajudá-lo até o fim...

- Sei que estou protegido – dizia Marques, beliscando, nervoso, a barba branca -, mas vou colocar a coisa em pratos limpos. A Diretoria foi tomada de assalto. É muita gente querendo transformar a casa em gamela gorda.

- Marques, a ironia é veneno.

- Tenho fotocópias, retratos, informações e muito papel importante para mostrar o passado desses oportunistas. Todo o material será exibido na assembléia. Alguns desses companheiros transviados são passíveis de xadrez.

- Medite, Marques, medite! – pedia Osório. – O que passou, passou... Agitar o fundo do poço é fazer lama, Ore. Peça o amparo do Alto.

E, a convite do amigo, os dois se puseram em prece, rogando proteção espiritual.

Em seguida, tornaram à casa de Marques, onde Osório observaria como adoçar o calhamaço.

Ao procurar o libelo escrito, o dono da casa ouviu da arrumadeira, que entrara na véspera, a estranha explicação:

- Senhor Marques, todos os

papéis que o senhor deixou espalhados nas cadeiras, com retratos e jornais velhos, eu entreguei ao lixeiro, quando o caminhão da Prefeitura por aqui passou.

- Meu Deus! – gritou o velhinho, entrelaçando as mãos na cabeça, ante Osório sorridente – era serviço de oito meses!

E a jovem inexperiente replicou, sem saber que fazia a definição moral:


- Mas era muita sujeira!...

Fonte:

VIEIRA, Waldo. *Almas em Desfile*. Págs. 32 - 33. Feb.

A Carroça

por Wallace Leal V. Rodrigues

 Uma das grandes preocupações de nosso pai, quando éramos pequenos, consistia em fazer-nos compreender o quanto a cortesia é importante na vida.

Por várias vezes percebi o quanto lhe desagradava o hábito que têm certas pessoas de interromper a conversa quando alguém estava falando. Eu, especialmente, incidia muitas vezes nesse erro. Embora visivelmente aborrecido, ele, entretanto, nunca ralhou comigo por causa disso, o que me surpreendia bastante.

Certa manhã, bem cedo, ele me convidou para ir ao bosque a fim de ouvir o cantar dos pássaros. Acedi com grande alegria e lá fomos nós, umidecendo nossos calçados com o orvalho da relva.

Ele se deteve em uma clareira e, depois de um pequeno silêncio, me perguntou:

- Você está ouvindo alguma coisa além do canto dos pássaros?

Apurei o ouvido alguns segundos e respondi:

- Estou ouvindo o barulho de uma carroça que deve estar descendo pela estrada.

- Isso mesmo... disse ele. É uma carroça vazia...

De onde estávamos não era possível ver a estrada e perguntei admirado:

- Como o senhor pode saber que está vazia?

- Ora, é muito fácil saber que é uma carroça vazia. Sabe por quê?

- Não! respondi intrigado.

Meu pai pôs-me a mão no ombro e olhou bem no fundo dos meus olhos, explicando:

- Por causa do barulho que faz. Quanto mais vazia a carroça, maior é o barulho que faz.

Não disse mais nada, porém deu-

me muito em que pensar.

Tornei-me adulto e, ainda hoje, quando vejo uma pessoa tagarela e importuna, interrompendo intempestivamente a conversa de todo o mundo, ou quando eu mesmo, por distração, vejo-me prestes a fazer o mesmo, imediatamente tenho a impressão de star ouvindo a voz de meu pai soando na clareira do bosque e me ensinando:

- Quanto mais vazia a carroça, maior é o barulho que faz!

No universo de teu lar
Não te esqueças do porvir;
Criança por educar
É o mundo por construir.
João de Deus

Fonte:

RODRIGUES, Wallace Leal V. E., *Para o resto da Vida*. Págs. 20 - 21. O Clarim.



O Evangelho no Lar

Por Therezinha Oliveira

Para melhorar o ambiente afetivo e espiritual da família, faça reuniões de Evangelho no Lar.

A prática do Evangelho no Lar:

1) Enseje um momento de paz e compreensão na vida familiar.

2) Une mais os elementos da família, pela atividade espiritual em comum.

3) Amplia nos familiares o conhecimento e entendimento do Evangelho, elevando-lhes o padrão vibratório e fortalecendo-os espiritualmente para as lutas da vida.

4) Higieniza o ambiente espiritual do lar, pelo cultivo de pensamentos e sentimentos cristãos.

5) Atrai a presença e assistência dos bons Espíritos e evangeliza os desencarnados carentes, que estejam no ambiente do lar ou relacionados aos seus membros.

Fazer o Evangelho no Lar é ajudar na formação de um mundo melhor na Terra, porque a evangelização estimula e acentua o sentimento de fraternidade existente em toda criatura e pode fazer germinar, em cada lar, as sementes do amor e da paz.

Providências preliminares

Para a realização da reunião de Evangelho no Lar, é preciso, antes:

1. Marcar um dia da semana e um horário (ambos fixos e certos) em que possa estar reunida toda a família (ou ao menos os que a isso se dispuserem). Se os outros não se dispuserem, comece você, mesmo sozinho, essa atividade. Esse dia e hora devem ser rigorosamente observados, para facilitar aos bons Espíritos nos prestarem sua assistência espiritual (pois eles também têm suas ocupações na vida maior).
2. Designar quem dirigirá a reunião, podendo ser o chefe da casa ou a pessoa que, no grupo, tiver mais conhecimentos doutrinários,
3. Escolher o cômodo da casa que sirva melhor para essa atividade (por oferecer mais acomodação, estar menos sujeito a ruídos e menos exposto a interrupções).
4. Selecionar o livro a ser estudado em leitura metódica e seqüente. Recomenda-se começar com O Evangelho segundo o Espiritismo. Quando terminar o volume, se não quiser repeti-lo, poderá ser utilizado outro livro espírita de comentários evangélicos.
5. Meia hora antes da reunião, desligar aparelhos de comunicação (rádio, televisão e outros) para impedir a veiculação de idéias perturbadoras e agitantes no ambiente. Em seu lugar poderá ser utilizada música suave, em volume brando, favorecendo o ambiente para as preces e vibrações.
6. Se houver necessidade de fluidificação de água para alguém enfermo, debilitado ou aflito, colocá-la em recipiente adequado, para ser distribuída após o término da reunião.

Desenvolvimento da reunião

1) Prece inicial: pedindo a assistência e proteção espiritual. Deve ser simples, sincera, breve, de preferência espontânea e não decorada, proferida por um dos participantes e na qual, mais que as palavras, tenham valor os sentimentos.

2) Leitura doutrinária: metódica e seqüente, de pequeno trecho no livro escolhido (estudo evangélico, de preferência), não excedendo a 10 minutos.

3) Comentários sobre a leitura: rápidos, buscando sempre a essência dos ensinamentos de Jesus, para a sua aplicação na vida diária.

Recomendações ao dirigente

a) Colocar as lições comentadas ao alcance de todos os participantes, mesmo os de menor compreensão intelectual.

b) Incentivar a participação de todos os presentes:

- nos comentários;
- nas preces e leituras (por rodízio ou conforme as aptidões).

c) Procurar fazer que todos mantenham a conversação em cunho edificante e apropriado, evitando sempre:

- desviar para outros assuntos o tema em estudo à luz do Evangelho;
- fazer dos ensinamentos críticas (diretas ou indiretas) a qualquer membro do grupo, da família ou a outras pessoas;
- falar em desdouro de religiões, grupos ou pessoas;

- qualquer polêmica ou discussão.

4) Vibrações: Algumas sugestões de pontos para serem colocados em vibração:

a) Pelo lar onde o Evangelho está sendo estudado, pelos participantes, seus parentes e amigos.

b) Pela implantação e vivência do Evangelho em todos os lares.

c) Pela cura ou melhoria de todos os enfermos, do corpo ou da alma, e minoração de seus sofrimentos e suas vicissitudes.

d) Pelo entendimento fraternal entre todas as religiões.

e) Pelo amparo e incentivo aos trabalhadores no Bem e da Verdade.

f) Pela paz na Terra (rogando também amparo para os governan-

tes de todos os povos e nações).

g) Pelos casos que, no momento, estejam preocupando os participantes e a comunidade (ex.: um desastre, uma calamidade etc.).

h) Outras vibrações que o grupo achar convenientes. Todos do grupo, porém, deverão estar lembrados e conscientizados de que não bastam somente vibrações para ajudar a fazer da Terra um mundo melhor. É preciso, também, que todos os cristãos concorram para isso, através de seus pensamentos, palavras e atos, em todos os instantes e sem esmorecimento.

5) Prece de encerramento: agradecendo a orientação e amparo espirituais, recebidos durante a reunião e na vida cotidiana.



Cuidados a tomar

1) Não dizer Culto do Evangelho no Lar, mas apenas Evangelho no Lar (para evitar conotação com rituais, que o Espiritismo não adota).

2) Não prolongar a reunião além dos 20 a 30 minutos, no máximo (para não ultrapassar o limite comum de atenção e participação de todos).

3) Não suspender a realização da reunião em virtude de:

- passeios adiáveis ou acontecimentos irrelevantes;

- chegada de visitantes; os quais devem ser convidados a participar da reunião (às vezes, foi para um encontro renovador com o Evangelho que seus mentores espirituais os encaminharam ao nosso lar); se não quiserem participar da reunião, poderão aguardar o seu término em outro aposento, ou retornar mais tarde;

4) Não deixar que o Evangelho no Lar se transforme em:

a) Ritual ou cerimônia religiosa. Ex.: Se realizado em torno de uma mesa, não é necessário cobri-la com toalha especial nem colocar sobre ela flores ou qualquer objeto (imagens, retratos).

b) Reunião mediúnic, a qual deve ser feita nos Centros Espíritas, que para isso recebem do Alto preparo e assistência especial, por se destinarem a um serviço espiritual constante, o que não ocorre nos lares, por mais bem protegidos que sejam.

Passes poderão ser aplicados, eventualmente, a alguém do grupo ou do lar que esteja enfermo, se houver pessoa preparada para ministrá-lo; mas não será prática usual.

5) Crianças só devem participar do Evangelho no Lar quando tiverem idade e mentalidade para acompanhar a reunião sem inquietação ou fadiga. Então, podem colaborar ativamente nas preces, leituras ou comentários, segundo sua capacidade e disposição.

Quando o ensinamento do Mestre vibra entre as quatro paredes de um templo doméstico, os pequeninos sacrifícios tecem a felicidade comum.

A observação impensada é ouvida sem revolta.

A calúnia é isolada no algodão do silêncio.

A enfermidade é recebida com calma.

O erro alheio encontra compaixão.

A maldade não encontra brechas para insinuar-se.

E aí, dentro desse paraíso que alguns já estão edificando, a benefício deles e dos outros, o estímulo é um cântico de solidariedade incessante, a bondade é uma fonte inexaurível de paz e entendimento, a gentileza é a inspiração de todas as horas, o sorriso é a senha de cada um e a palavra permanece revestida de luz, vinculada ao amor que o Amigo celeste nos legou.

(Emmanuel, em Culto Cristão no Lar, psicografada por Francisco Cândido Xavier.)

Fonte:

OLIVEIRA, Therezinha. Iniciação ao Espiritismo. Págs. 55 - 60. Editora Allan Kardec.

O Amigo Beletrista

por Yvonne do Amaral Pereira

“De novo subiu o diabo a um monte muito alto, e lhe mostrou os reinos do mundo, e a glória deles. E lhe disse: – Tudo isto te darei, se prostrado me adorares. Então lhe disse Jesus: – Vai-te, Satanás! Porque escrito está: – Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás. Então, o diabo o deixou; e eis que chegaram os anjos e o serviram.”

(Mateus, 4:8 a 11.)



Os mais ásperos testemunhos costumam ser exigidos dos médiuns antes que eles se decidam a assumir a tarefa, prestando-se a trabalhos de grandes responsabilidades, se é que nos labores mediúnicos existirão desempenhos de responsabilidades menores. A famosa iniciação, outra exigida nas escolas de Doutrinas Esotéricas, para se formarem os oráculos, os profetas, as sacerdotisas, etc., não seria, certamente, um mito, mas necessidade que nos dias presentes parece clamar pelas atenções gerais, a fim de que o intercâmbio entre a Terra e o Invisível se exerça ainda com maior segurança e facilidade. Não ignoramos que a Codificação espírita não trata dessa iniciação, pois que popularizou a possibilidade do intercâmbio espiritual, declarando mesmo, tachati-

vamente, que, para se comunicar o homem com os Espíritos - “não há necessidade alguma de preparo ou iniciação.”

Realmente, para nos comunicarmos com os Espíritos não será necessário senão possuir dons mediúnicos. Todavia, os fatos e a experiência testemunham que, para a mediunidade apresentar bons frutos, será preciso algo que poderemos classificar de iniciação. Os Instrutores Espirituais, por sua vez, assim como os demais ensinamentos firmados pelos colaboradores de Allan Kardec, são incansáveis em advertir os médiuns quanto a uma elevação de vistas, no exercício da faculdade, uma renovação cuidadosa do próprio caráter, um critério e uma reeducação à base do Evangelho, que outra coisa não seriam

senão uma iniciação, conquanto efetivada à revelia de imposições acadêmicas e inteiramente subordinada à boa vontade, ao esforço e ao discernimento do próprio médium, sem sequer o afastar da sua vida comum de relação, o que parece mais meritório e honroso do que as antigas iniciações realizadas sob o jugo férreo das Academias de Doutrinas Secretas.

Desconhecemos se com os demais médiuns se passarão os fatos que conosco se passaram, marcando o estabelecimento definitivo de nossas tarefas mediúnicas. É possível, porém, que, pertencendo, como espírito, a uma falange de iniciados orientais (hindus e egípcios), como pupila e aprendiz, que se reeduca sob sua assistência espiritual, nada mais se verificasse do que a tradição ►

esotérica da iniciação, não obstante feita à sombra do Consolador fora do seio de academias... pelo menos de academias terrenas, pois poderemos, sim, pertencer a Escolas ou Academias Espirituais, subordinados às suas exigências e programações, ignorando-o, porém, durante a vigília, mas tudo abrangendo no estado de sono ou de transe. O que sabemos é que, no que nos diz respeito, houve um verdadeiro trabalho de iniciação, o qual vem exigindo longo tempo de nossa perseverança e dedicação ilimitada, pois que não terminaram ainda os testemunhos exigidos pelos Mestres Espirituais, testemunhos que lembrariam os dos antigos pretendentes aos segredos esotéricos, nas Escolas de Ocultismo do passado. E tais provas tanto se realizam sobre a Terra, ligadas aos acontecimentos diários, como no Invisível, durante os desprendimentos em corpo astral a que nos têm obrigado os queridos instrutores.

Silenciaremos quanto à natureza de muitos testemunhos terrenos, não os confundindo, embora, com as provações e os resgates oriundos de deslizes do pretérito reencarnatório, que nos foi necessário expurgar definitivamente, numa como renovação de valores, indispensável ao nosso progresso normal como ao mandato mediúnico. Apenas adiantaremos, como curiosidade a ser examinada pelo leitor, que os mesmos testemunhos — espécie de exame prévio de um candidato a um curso escolar — se constituíram de provas de firmeza e equilíbrio em todas as contingências sedutoras da vida humana, ou seja, de todas as tentações risonhas que tendessem

a nos desviar da boa rota, de dificuldades e peripécias, não faltando nem mesmo a tentação brutal do próprio roubo! Tais testemunhos foram admiravelmente dosados e seriados pelos Instrutores Espirituais, tal como se verifica nas provas em uso nos nossos institutos de ensino. Custaram-nos eles, os testemunhos, uma vida inteira de atribuições e lágrimas, de sacrifícios, de desilusões e renúncias, e devemos confessar, aos que nos lerem, que, de todas as provas que tivemos de oferecer à Doutrina do Mestre, para poder ser admitida, como cooperadora, no corpo de servidores investidos de tarefas também no Invisível, a mais difícil, a mais penosa para o nosso caráter ainda inferior, foi a do Perdão.

Perdoar! Mas, perdoar ofensas graves, conforme recomendam os ensinamentos do Senhor, como é difícil! cremos mesmo que, num sentido geral, é o que nós, criaturas humanas, aprendemos a exercer em derradeiro lugar, pois o Perdão, sendo modalidade do amor ao próximo, é tão elástico e profundo como o próprio Amor. Somente Deus saberá qual o grau por nosso espírito conquistado ao sair desse pesado acervo de testemunhos. A grande paz que hoje visita nossa consciência, todavia, avisa-nos de que tantas lágrimas e humilhações, tantas lutas e desilusões, sofridas desde o berço, conferiram ao nosso ser a graduação necessária aos pequenos mandatos que, como medianeira admitida nos labores do ▶

O Perdão, sendo modalidade do amor ao próximo, é tão elástico e profundo como o próprio Amor.



ESTUDO

Invisível, nos têm sido confiados.

Declaramos ter como instrutores e mestres espirituais, responsáveis por nosso progresso na existência presente, pelo menos, Espíritos de hindus e egípcios. Talvez, por isso, estas particularidades de iniciação rigorosa resultem dos métodos das Escolas a que tais instrutores se prendem no Espaço, como se prenderam na Terra, e não seja o fato, ou a exigência, de ordem tão geral como se poderia supor. O certo é que até mesmo nossos estudos doutrinários, nossos trabalhos espirituais, nossas leituras, e até passeios e diversões, são por eles dirigidos, sob o máximo rigor e método invariável. E quanta renúncia tudo isso nos há custado! Escolhem os livros que devemos ler, suspendendo, por vezes, leituras doutrinárias, para que não sobrevenha o fanatismo, e advertem-nos da inconveniência dos jornais! Apontam-nos as horas de trabalho, as companhias e os amigos, os Centros Espíritas a frequentar. Desviaram-nos o matrimônio das preocupações, desde antes dos vinte anos de idade. E se amarguras colhemos, insistindo em

obstante a grande vocação, pois nos diziam os instrutores hindus, vendo-nos insistir nas tentativas de um curso de piano:

– “Somente um caminho deverá existir à tua frente: a Doutrina do Cristo, o Consolador! És espírito reincidente em erros graves, a quem se cogita, do Invisível, de auxiliar a se reerguer, agora que a seleção dos valores existentes no Planeta será feita, para o advento da Luz. A Música virá mais tarde, com o dever cumprido. Obterás compensações às lágrimas que chorares pela impossibilidade desse ideal.”

E, com efeito, temos tido essas compensações, quando, nos dias atuais, vemos diante de nós, caridosamente materializados, para que nos seja possível enxergá-los detalhadamente, esses abnegados mestres de iniciação, belos e sábios, a quem veneramos com todas as forças da alma, aos ternos amigos Bezerra de Menezes, Charles, Frederico Chopin, Léon Denis, Léon Tolstoi e muitos outros cujos nomes jamais foram revelados. O carinho que nos dispensam, a dedicação e bondade de que cercam o nosso

Não sabemos se se tratava de uma realização de Além-Túmulo, esse caminho melancólico

ilusões do gênero, reconhecemos que provieram da desobediência aos seus conselhos. Pertencendo a uma família onde havia bons intérpretes da Música, fomos impossibilitada igualmente de estudá-la, não

espírito todos os amigos do plano invisível, desde esses mestres até pobres sofrendores e criminosos recém-convertidos, aos quais temos podido socorrer sob a direção dos nossos Guardiães, são hoje a me-



lhor recompensa às provações e aos desgostos que acompanharam nossa vida, desde o berço.

Muito jovem ainda, obtínhamos do Além muitos ditados de ordem particular, para sofreadores do corpo e do espírito, num “Posto Mediúnico” de antiga “Assistência aos Necessitados”, e também os esboços das primeiras obras destinadas ao público, recebendo ordem do Espaço para conservá-los à espera de oportunidade, para possível publicação. Certa noite, após o receituário no “Posto Mediúnico”

Espíritos, como de desencarnados, assuntos preciosos para romances, novelas e estudos psicológicos, de grande interesse para o público. Convidou-nos, após, a segui-lo, em espírito, para que nos descrevesse o primeiro caso, ou tese, que desejava ditar por nosso intermédio, visto que simpatizava extremamente com nossa pessoa e sabia como acionar a mente mediúnica para escrever um trabalho longo. Esperava, porém, poder narrá-lo de “viva voz”, primeiramente, antes de iniciar o ditado psicográfico, pois que, se pudésse-

Muito jovem ainda, obtínhamos do Além muitos ditados de ordem particular

do “Centro Espírita de Lavras”, serviço que, por esse tempo, era diário, apresentou-se à nossa visão um Espírito cuja configuração perispiritica mais se assemelhava a um homem terreno do que mesmo a um habitante do invisível. Disse-nos ele, sem rodeios, haver vivido no Rio de Janeiro e em São Paulo e ter desencarnado no ano de 1911. Negou-se, no entanto, a declinar o nome, embora lhe houvéssimos solicitado a fineza de no-lo esclarecer, porquanto, ainda hoje, não gostamos de tratar com Espíritos anônimos. Não obstante, declarou ter sido um escritor, ou beletrista, e que, então, apesar de desencarnado, alimentava ardentes desejos de continuar escrevendo, pois que, como Espírito, descobrira na vida dos homens e nas recordações de outros

mos penetrar, com a própria visão, o que ele já estabelecera na mente como entrecho da sua história, fácil se tornaria o ditado, a escrita, quer para ele quer para nós, pois bastaria pequeno impulso vibratório de sua mente para que o entendêssemos bem e acelerássemos a tradução, uma vez que já se encontrariam em nosso pensamento os elementos principais, tornando, assim, dispensável criar em nosso cérebro, à força de irradiações e sugestões, qualquer cena ou panorama.

O discurso interessou-nos, e não só o consideramos bonito como até lógico. Não obstante, oramos, confiando-nos fervorosamente à assistência dos mentores espirituais, pedindo mesmo seu auxílio, porquanto somente nos interessariam acontecimentos mediúnicos que se

pautassem pela obediência às leis da Verdade e fossem do agrado deles próprios, os Guardiães. Aquiescemos, pois, em atender ao visitante, seguindo-o em corpo astral, desde que os Guias não impedissem o intento; porém, somente o faríamos na noite seguinte. Entretanto, nenhuma intuição, nenhum conselho nos aclarava a indecisão. Os instrutores não desejavam intervir... e compreendemos, então, ser o assunto pertinente ao nosso livre-arbítrio...

Na noite seguinte, dormimos sossegadamente o primeiro sono, sem que nenhuma anormalidade sucedesse, como sói acontecer, dado que o desprendimento apenas

independe de agentes superiores para seu exercício. De outro modo, acreditamos que a vigilância daqueles excelentes amigos se verificava em torno do caso, sem, contudo, tornar-se suspeitada sequer pela intuição, pois assim mesmo deveria ser, uma vez que se tratava de prova de responsabilidade, um testemunho cuja gravidade o próprio leitor avaliará dentro em breve.

Afastado nosso espírito do corpo carnal, foi-nos possível examinar melhor a configuração desse habitante do Invisível, que tão atenciosamente nos procurava para um trabalho no seio da Doutrina por nós esposada. Compreendemos, imediatamente, tratar-se

o fardo carnal em 1911, sem, no entanto, ter abandonado ainda os perímetros terrenos, o que, aliás, se deduzia de sua aparência fluídica pesada.

Uma vez completado o desprendimento, ofereceu-nos ele, gentilmente, o braço, cavalheiro fino que parecia ter sido quando encarnado, e pusemo-nos a caminhar. Nós nos sentíamos tranqüila, compreendendo em nós mesma bastante vigilância para não nos deixar arrastar a nenhuma aventura espiritual que redundasse em domínio obsessivo, pois confiávamos nos Guardiães, aos quais solicitáramos assistência para o caso, na véspera, embora no momento não lográssemos descobrir nenhum deles à testa dos acontecimentos.

Caminhávamos por uma estrada ou rua sem calçamento, mas de terreno muito batido, polvilhada de uma substância fina, de cor creme brilhante, qual areia dourada, e notamos que subíamos ligeira inclinação, durante todo o percurso. Quanto tempo levou o trajeto não poderíamos precisar. Jamais se poderá medir o tempo nessas circunstâncias, ainda que se trate de poucos minutos. Pelo menos assim sucede, freqüentemente, conosco. Ao desejar fazê-lo, a mente se perde em vertigens e confusões... de forma que não se poderá saber, ao certo, se uma caminhada foi longa ou breve, instantânea ou demorada. De um e outro lado da referida estrada, julgamos perceber vegetação, sem logarmos averiguar positivamente o fato, visto existir escuridão nas margens e somente a estrada parecer iluminada. Não sabemos se se tratava de uma realização de Além-Túmulo, ▶

Afastado nosso espírito do corpo carnal, foi-nos possível examinar melhor a configuração desse habitante do Invisível

se verifica achando-se o médium desperto, condição para que se processe o sono magnético. Poucos minutos depois da meia-noite, porém, havendo despertado naturalmente, distinguimos à beira do nosso leito o Espírito que se apresentara na véspera, ao qual chamaremos “Beletrista”, à falta de um nome, que melhor o qualifique, e, em seguida, caímos em transe letárgico, num “arrebato do espírito” para o plano invisível. O processo para o desdobramento verificou-se exatamente como se dá sob a direção de Charles, dos hindus ou de Bezerra de Menezes, o que leva a crer tratar-se de mecanismo próprio da faculdade em si mesma, que

de entidade não evoluída moral-espiritualmente, conquanto não fosse igualmente nociva, ou uma individualidade de ordem muito inferior. Moralmente, apresentava-se medíocre, visto não ser evangelizada, não estar espiritualizada. Intelectualmente, seria adiantada, dado que fora um escritor, um homem douto, pois que fora também médico na Terra, inteirando-nos nós desta particularidade, não porque ele, o Espírito, no-la revelasse, mas graças ao anel de grau que lhe cintilava no dedo anelar da mão esquerda. Espiritualmente, porém, vulgaríssimo, necessitado de tudo, visto que estávamos já no ano de 1930 e ele confessava haver deixado

esse caminho melancólico. Algumas paisagens fluídicas tanto se assemelham às da Terra que, muitas vezes, será difícil distinguir com exatidão a natureza da sua construção. Acresce a circunstância de que a própria Terra se torna diferente através da visão espiritual, tudo parecendo mais belo, como que envolvido em fluidificações brancas com reflexos levemente azuis. Outras, no entanto, conquanto se assemelhem às da Terra, são inconfundíveis pelo padrão de beleza e encantamento, que se impõe à vista.

Durante o trajeto, pusemo-nos a observar as particularidades que teriam caracterizado a personalidade humana do amigo espiritual que acabávamos de adquirir, exatamente como sucede quando satisfazemos ociosas curiosidades em torno das pessoas a quem somos apresentados em sociedade. Observamos-lhe a indumentária, a “voz”, um trejeito particular dos lábios, ao “falar” com mais energia, a irritação nervosa (teria sido um homem irritadiço), o perfume da brilhantina com que empastava os cabelos, lenço fino, de seda pura, de cor creme, que trazia no bolso externo do paletó, sobre o peito, e que de quando em vez, retirava, nervoso, para passar pela frente e o rosto; punhos e colarinhos muito engomados e brilhantes. Seu terno era de cor cinza, um perfeito terno terreno, porém, o “tecido” um tanto brilhante e o paletó longo, amplo, com uma abertura de cerca de vinte centímetros na costura das costas, exatamente da bainha para cima; sapatos pretos muito polidos, cabelos lisos e abundantes, partidos ao lado esquerdo, formando volu-

moso topete. Era de tez clara, glabro, e contaria, aproximadamente, quarenta anos de idade. Durante o giro conversou com desenvoltura, revelando-se excitado, e narrou particularidades chocantes de sua vida, das quais, porém, não nos pudemos recordar após o transe, certamente graças à ação caridosa dos instrutores espirituais para com ele próprio. Recordamo-nos, apenas, de que sua preocupação

máxima era a falta do divórcio no Código Civil Brasileiro, o que, na sua opinião, comumente arrastava criaturas, dele necessitadas, a situações deploráveis, de que se originavam desequilíbrios embaraçosos em torno delas próprias e no seio da sociedade. Recordamo-nos, ainda, de nos ter asseverado que profundo esgotamento nervoso, verdadeiro estado traumático, acometera seu organismo terreno; que esse aci-

Espírito de um médico, mesmo depois de abandonar corpo carnal, poderá ainda exercer sacerdócio da Medicina



dente degenerara em neurastenia dominante, e que isso lhe acarretara a morte. Que, moralmente, muito sofrera neste mundo e continuava sofrendo como Espírito; não obstante, no momento, já se achava conformado com o inevitável. E que, no Além, era acusado, por outros Espíritos, de haver praticado o suicídio, de que lhe resultara a morte prematura, mas que ele disse não se lembrava absolutamente, e nem sequer jamais pensara em recorrer a semelhante alvitre, a fim de escapar às lutas morais que o assediaram, e, se tal realmente se deu, como médico, que era, somente poderia atribuir o fato a um ato irrefletido, durante alguma crise da sua depressivamente neurastenia.

Efetivamente, esse Espírito, que irradiava simpatia, embora sem pertencer a uma ordem elevada do

o qual nos sentimos invadir de sincera compaixão pelo irmão que tão gentilmente nos procurava, confiante, para desabafo do coração torturado pelos infortúnios. E foi com o máximo prazer e um devotado interesse pela sua causa que nos dispusemos a ouvir, ou antes, a “ver”, a narrativa do romance que ele desejava ditar aos homens por nosso intermédio.

Chegáramos, no entanto, ao término do giro encetado. Disse “Beletrista”:

– “Criar a ambientação para a minha história, consolidá-la, mantê-la, para que o médium a compreenda como uma realidade, será para mim difícilimo, conforme já expliquei. Poderia fazê-lo, porém imperfeitamente. Meu pensamento, pouco adestrado, mostraria intermitências, vacilaria, produzindo

que se passaram, sim, ser-me-á possível... Ela vive em mim, a história, dentro do meu ser! É a própria força do meu sentir, o meu drama íntimo, o sentimento de que se impregnou todo o meu ser moral, e minhas vibrações totais estão deles tão saturadas que eu mesmo não compreendo como V. Exa. (tratava-nos finamente, a prezada entidade) não está percebendo cenas das recordações queridas e dolorosas que esvoaçam em torno de mim... pois não ignoro que os médiuns espíritas possuem um segundo poder de percepção e de visão que escapa aos demais homens...”

– “Assim é, meu caro irmão – respondemos, interessando-nos mais pelo companheiro espiritual. – É espírita, porventura?... Pois as entidades desencarnadas podem participar de quaisquer crenças ou opiniões religiosas ou filosóficas...”

O singular acompanhante teve um gesto algo incerto, não destituído de certa graça, e respondeu, delicado e sincero:

– “Minha excelente senhora... Eu sou, apenas, um “homem” que sofre... e a quem a morte ainda não consolou nem liberou de profundas apreensões e muitos desgostos... Creio na existência de um ser Todo-Poderoso, ao qual respeito... é o que muito lealmente posso afirmar... Creio, mas não o compreendo, nem tampouco as leis por Ele criadas... Não pratiquei jamais qualquer religião, pela simples razão de que não possuía nenhuma, como não possuo até agora... Se ainda fosse um homem carnal, minha religião seria a Ciência, pois eu amava profundamente a Medicina... e, além

No Além, era acusado, por outros Espíritos, de haver praticado o suicídio

mundo invisível, nenhum característico dos Espíritos suicidas apresentava, o que confirma a versão de que os neurastênicos que se matam durante um acesso do terrível mal não passam pela aspereza das repercussões conscienciais comuns à maioria dos suicidas, conquanto hajam de arrostar a responsabilidade dos atos que tenham dado origem ao grande desequilíbrio nervoso por que se deixam vencer.

Profunda afinidade espiritual resultou desse colóquio, durante

cenários escassos, indecisos, defeituosos, conforme estou habituado a observar aqui, entre companheiros de infortúnio que se propõem narrar as próprias desgraças, uns para os outros. Prefiro reconhecer que se trata de talento psíquico de ordem moral-intelectual elevada, que não possuo... e nem sei se o possuirei algum dia... Narrar a história-recordação, porém, somente os fatos que realmente se desenrolaram, evocando-a detalhadamente, no próprio ambiente ou cenário em

desta, a minha crença no Autor do Universo... Mas, sei que já não sou um homem, no sentido literal do termo, e por isso não mais poderei exercer a Medicina ou dedicar-me à Ciência... Perdi ambas, quando me depositaram num túmulo, convencidos de que eu deixara de existir...”

– “Como espírita que sou – acudimos nós, impressionada pelo tono de tristeza profunda com que tais frases eram pronunciadas -, eu vos afirmo, caro irmão: – Espírito de um médico, mesmo depois de abandonar corpo carnal, pela morte deste, poderá ainda exercer sacerdócio da Medicina por muitas formas diferentes, das quais a mais comum é a do ditado mediúnico, através dos chamados “médiuns receitistas”, para o tratamento da saúde de muitos doentes que acorrem aos Centros Espíritos... E poderá também cultivar a Ciência em geral, quer nas regiões de Além-Túmulo, quer na Terra entre os homens, a estes auxiliando discretamente, em estudos e experiências da especialidade a que se dedicou... e, assim, servindo ao Progresso, à Humanidade e a Deus, também se eleva honrosamente no próprio conceito...”

– “Essa honra, minha senhora, ainda não me foi dado alcançar, depois da morte... Disseram-me ser necessárias tantas e tantas qualidades pessoais, para que tal seja permitido... Renovações, renúncias... e eu não me sinto ainda bastante forte para um novo curso de Medicina, todo especial, neste lado da Vida... Aliás, vivo ainda na Terra, mesmo como Espírito, e não propriamente no Além-Túmulo... Prendo-me

a um passado que me tortura e me encanta, que me desola, mas que também é a única recordação consoladora que me resta... E para suavizar tantas amarguras e tanta solidão foi que procurei V. Exa., a fim de escrever algo que me distraia e ajude a esquecer...”

– “E como soube que existo?... Como me pôde descobrir?...”

– “Se eu fosse um homem, res-

Compreendemos que “Beletrista” necessitava de tudo e, também, que seu esclarecimento não seria, certamente, serviço para nossas possibilidades, mas resultado dos esforços dele próprio, através do tempo e da boa vontade que desejasse mobilizar a benefício do próprio progresso. Silenciamos, portanto, dispondo-nos a atendê-lo na sua presunção de escritor espiritual.

A afinidade dos sentimentos e ideais impelem e atraem as almas umas para as outras

ponderia como tantas vezes ouvi, outrora, em nossa gíria nacional: “Força de simpatia!...” Mas, um Espírito, um médico, dirá: a afinidade dos sentimentos e ideais impelem e atraem as almas umas para as outras... tal como, na Química, duas substâncias se atraem e unificam para uma realização concludente...”

A essa altura, porém, encontrávamo-nos à frente de uma residência terrena, em estilo bastante antigo, espécie de “chalé” normando, mas confortável e bonita, com amplo jardim em torno, sombreado de pequenas palmeiras e arvoredos frondosos, os quais imprimiam à habitação certo aspecto senhorial. Tufos de folhagens, como tinha-





“Nesta casa residiu a mulher que amei, durante a sua vida quase toda... Maria Elisa, a minha Elisinha

rões, begônias e samambaias, se misturavam a gerânios e cravinas multicores dando feitiço gracioso aos canteiros que se delineavam, aqui e ali, dentro do silêncio da noite, aclarados por um reflexo delicado, como de luar, o qual deitava luz bastante para tudo se distinguir. A casa, silenciosa e sugestiva, foi-nos franqueada. Vimos “Beletrista” abrir a porta e fazer-nos entrar em primeiro lugar, num gesto cavalheiresco, muito embora soubéssemos que um Espírito desencarnado, ou mesmo encarnado, mas no estado de desprendimento, atravessa qualquer corpo, por mais denso que seja, sem necessidade de abrir pas-

sagem. Notamo-lo porventura mais entristecido, ao penetrar o interior do gracioso “chalé”. E ouviamos que dizia, quase soturnamente:

– “Nesta casa residiu a mulher que amei, durante a sua vida quase toda... Maria Elisa, a minha Elisinha... Acolá, o velho piano de sua mãe, onde ela própria ensaiou os primeiros acordes de música e o seu retrato, ainda conservado por parentes que a amavam e lamentavam o seu dramático destino.

Um sentimento de ternura profunda envolveu-nos o coração, decerto o mesmo sentimento que nosso acompanhante experimentava à evocação da criatura amada e sofremos, com ele, a amargura

da saudade que lhe despedaçara o coração. Era uma jovem bela e sorridente, trajada e penteada segundo os modelos do início do presente século. Lembramo-nos então de que, em nossa casa paterna, ao tempo de nossa infância, existiam fotografias de nossa mãe e de nossas tias apresentando modelos idênticos, e sorrimos, dizendo ao sentimental amigo “Beletrista”:

– “É uma imagem do fim do Romantismo... Linda, com efeito...”

Ele sorriu também, enternecido, parecendo reconfortado com a nossa apreciação.

– “Sim – afirmou ele –, Maria Elisa era alva, loura e bonita... Tão bonita quanto desgraçada...”

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO


Fonte:

GAMA, Ramiro. *Lindos Casos de Chico Xavier*.

Sequer exige Negativa antes

por Eduardo Martins



 A formação das orações negativas nem sempre é tão fácil como parece. E dois fatores sobretudo contribuem para isso: a difusão de palavras em sentido incompleto – ou que elas não têm – e a proliferação de mitos injustificáveis no idioma.

Um dos casos, por exemplo, ocorre com sequer. O vocábulo não pode ser usado isoladamente na frase, porque significa apenas, ao menos, pelo menos. Como por si só não apresenta qualquer caráter negativo, deve ser sempre precedido de não, nem, ninguém, sem, nenhum, etc. Nunca escreva, portanto: Ele “sequer” foi consultado (que significa, em rigor: Ele ao menos foi consultado). O certo: Ele nem sequer , foi consultado. Que significa: Ele nem ao menos foi consultado. Outros exemplos corretos: O artista não explicou sequer o que pretendia. / Para quem nem sequer imagina: o Brasil perde R\$ 1 bilhão a cada feriado. / Percebeu que ninguém sequer anotara a frase. / Partiram sem sequer (sem é uma partícula de caráter negativo) dizer

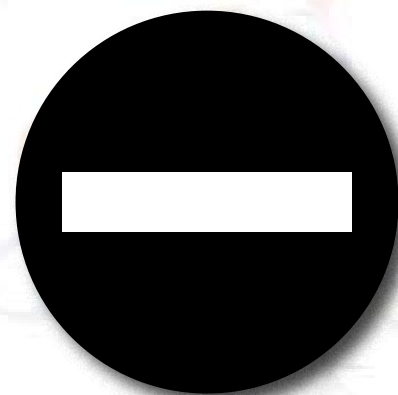
adeus. / Jamais disse sequer o que pretendia.

Qualquer não significa nenhum.

Engano tão comum como se verifica com qualquer, empregado erradamente no lugar de nenhum. Lembre-se desta regra prática: sempre que qualquer puder ser substituído por nenhum, é nenhum que se deve usar. Veja então o certo: Não há perigo de nenhuma (e não “qualquer”) convulsão social. / A não ser que haja alguma denúncia, os fatos não sofrerão nenhuma (e não “qualquer”) censura.

Repare em mais alguns exemplos, para que não parem dúvidas sobre o assunto: Os responsáveis pela omissão não sofreram nenhuma (e não “qualquer”) punição. / Nem cogitaram de fazer nenhum (e não “qualquer”) estudo sobre o tema. / O cantor cancelou a visita sem nenhum (e não “qualquer”) motivo. / Não houve nenhum (e não “qualquer”) protesto.

Se o sentido de não for o de nenhum, admite-se a presença de qualquer em orações negativas:



Isso não é qualquer (algun, um qualquer) homem que faz. / Não se deve tomar qualquer (um qualquer, todo) remédio. / Negou qualquer (toda) rivalidade com o colega.

No sentido oposto, uma palavra que só pode aparecer em frases positivas é alguém. Se antes houver um não, sem, etc., deve-se recorrer a ninguém: Falou o que quis, sem que ninguém (e não “alguém”) o contestasse. / Não via ninguém (e não alguém) que pudesse ajudá-lo.

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 60. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

E olhai por vós

**“E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguez e dos cuidados desta vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia”
Jesus (Lucas, 21:34.)**

Em geral, o homem se interessa por tudo quanto diga respeito ao bem-estar imediato da existência física, descuidando-se da vida espiritual, a sobrecarregar sentimentos de vícios e inquietações de toda sorte. Enquanto lhe sobra tempo para comprar aflições no vasto noticiário dos planos inferiores da atividade terrena, nunca encontra oportunidade para escassos momentos de meditação elevada. Fixa com interesse as ondas destruidoras de ódio e treva que assolam nações, mas não vê, comumente, as sombras que o invadem. Vasculha os males do vizinho e distrai-se dos que lhe são próprios.

Não cuida senão de alimentar convenientemente o veículo físico, mergulhando-se no mar de fantasias ou encarcerando-se em laços terríveis de dor, que ele próprio cria, ao longo do caminho.

Depois de plasmar escuros fantasmas e de nutrir os próprios verdugos, clama, desesperado, por Jesus e seus mensageiros.

O Mestre, porém, não se descuida em tempo algum e, desde muito, recomendou veze cada um por si, na direção da espiritualidade superior.

Sabia o Senhor quanto é amargo o sofrimento de improviso e não nos faltou com o roteiro, antecedendo-nos a solicitação, há muitos séculos.

Retire-se cada um dos excessos na satisfação egoística, fuja ao relaxamento do dever, alije as inquietações mesquinhas – e estará preparado à sublime transformação.

Em verdade, a Terra não viverá indefinidamente, sem contas; contudo, cada aprendiz do Evangelho deve compreender que o instante da morte do corpo físico é dia de juízo no mundo de cada homem.



Chico Xavier - Emmanuel
Vinha de Luz

O Centro Espírita e seus trabalhadores

SUMÁRIO

32 REFLEXÃO

SURGE ANDRÉ LUIZ

Detalhes de “Os Missionários da Luz”

40 EVANGELHO

O EVANGELHO DE CHICO XAVIER

Palavras de amor e conforto

42 CAPA

O CENTRO ESPÍRITA E SEUS TRABALHADORES

48 MEDIUNIDADE

O AMIGO BELETRISTA

Testemunho dos amigos espirituais

55 COM TODAS AS LETRAS

ONDE DESIGNA LUGAR, APENAS

Importantes dicas da nossa língua portuguesa

FALE CONOSCO ON-LINE

CADASTRE-SE NO MSN
E ADICIONE O NOSSO ENDEREÇO:

atendimentovistafidelidade@hotmail.com



Edição

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Equipe Editorial
Adriana Levantesi
Leandro Camargo
Rodrigo Lobo
Sandro Cosso
Thais Cândida
Zilda Nascimento

Jornalista Responsável
Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico
Fernanda Berquó Spina

Revisão
Equipe FidelidadEspírita

Administração e Comércio
Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural
Braga Produtos Adesivos

Impressão
Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" responsabiliza-se
doutrinariamente pelos artigos
publicados nesta revista.



Se um arbusto recém-saído da terra recusasse a luz do sol, a água vitalizadora ou os cuidados do agricultor, simplesmente por ter rompido a superfície do solo, dificilmente chegaria à condição de árvore frutífera.

No caso do arbusto, romper a superfície do solo representaria apenas o início do processo de desenvolvimento, sendo necessário tempo e cuidados para atingir a maturidade necessária.

Situação semelhante ocorre no intercâmbio mediúnico.

Ninguém desprezará a luz do conhecimento, a água viva do Evangelho ou a experiência de outros companheiros, sem acarretar para si prejuízos imprevisíveis.

Não basta a faculdade ostensiva.

Necessário educá-la, a fim de canalizar as energias psíquicas na direção do trabalho edificante.

Fenômenos, em tese, qualquer um pode produzir, desde que possua a predisposição natural para isso.

Esclarecimento e consolação, porém, nascem apenas daqueles que souberem absorver as diretrizes seguras, aprofundando raízes no solo da caridade; e caridade, aqui, não se reduz a um comportamento de fachada, mas à identificação plena com as leis cósmicas, representando nossa vinculação com Deus.

O intercâmbio mediúnico requer equilíbrio; e ninguém mantém equilíbrio constante isolando-se dos fatores que possam lhe garantir a devida sustentação.

Nesse aspecto, humildade e perseverança são tão importantes quanto o estudo e o espírito de equipe.

Por isso, aprende a ouvir, meditando nas possíveis críticas que vieres a receber, porque nenhum médium viverá unicamente de aplausos.

Lembra que a simplicidade persevera e a discricção sustenta.

Em tudo, conserva o trabalho redentor por abrigo da própria consciência, mantendo-te unido a outros companheiros de ideal, porque, na verdade, todo bem provém de Deus, cabendo a cada um de nós realizar a sua parte em favor do todo, sem menosprezar ninguém e sem reclamar privilégios de espécie alguma.

LEVY, Clayton. Mediunidade e Autoconhecimento. CEAK. 2003

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br

(19) 3233-5596

Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Surge André Luiz

- detalhes de “Missionários da Luz” e da obra de André Luiz

por Suely Caldas Schubert



12-10-1946

“(...) Anotei, comovidamente, a alusão do Indalício, a que te referes. Também eu tenho sentido a falta dos romances de Emmanuel. Ao recebê-los, tenho a impressão de que não estou na Terra. Parece que me transferem de sede de trabalho.”

Assevera Allan Kardec: “Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não manipulando-os como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhe as propriedades, como um químico muda a dos gases ou dos outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.” (“A Gênese, cap. XIV, item 14.)

O pensamento é força criadora.

Ao influxo dessa força formam-se cenas, criam-se “quadros vivos”, volta-se ao passado ou projeta-se no futuro, e, dependendo de sua carga emocional, são emitidas vibrações positivas ou negativas, boas ou más.

Chico, ao referir-se aos romances de Emmanuel, informa que ao recebê-los sente-se como que transportado para outro local, qual se não estivesse na Terra. O que ocorre é que Emmanuel, ao transmiti-los ao seu médium, fá-lo participar dos painéis mentais por ele criados. E seja porque Chico Xavier tenha já grandes conquistas espirituais e esteja convenientemente preparado, seja porque ele próprio fosse - no passado - participante dessas mesmas cenas, o fato é que Chico é de tal modo envolvido pelos acontecimentos (segundo suas próprias palavras em entrevistas dadas no decorrer dos anos), que se vê, muita vez, invadido por incrível emoção que o faz chorar copiosamente.

“Noto, contudo, que Emmanuel, desde fins de 1941, se dedica, afetuosamente, aos trabalhos de



André Luiz. Por essa época, disse-me ele a propósito de “algumas autoridades espirituais” que estavam desejosas de algo lançar em nosso meio, com objetivos de despertamento. Falou-me que projetavam trazer-nos páginas que nos dessem a conhecer aspectos da vida que nos espera no “outro lado”, e, desde então, onde me concentrasse, via sempre aquele “cavalheiro espiritual”, que depois se revelou por André Luiz, ao lado de Emmanuel. Assim decorreram quase dois anos, antes do “Nosso Lar.”

Supervisionando a produção mediúmica de Chico Xavier, é natural que Emmanuel se dedique com afeto, empenho e zelo ao trabalho que André Luiz estaria prestes a iniciar.

No final do ano de 1941, o Mentor de Chico Xavier científica-o que “algumas autoridades espirituais” desejam realizar um trabalho de despertamento, de conscientização, através de páginas que falem da realidade da vida espiritual. E, logo depois, Chico vê a seu lado um novo amigo. É André Luiz que se aproxima do médium, em companhia de Emmanuel.

“Dentro de algum tempo, familiarizei-me com esse novo amigo.

Participava de nossas preces, perdia tempo comigo, conversando. Contava-me histórias interessantes e muitas vezes relacionou recordações do Segundo Império, o que me faz acreditar tenha sido ele, André Luiz, também personalidade da época referida. Achava estranho o cuidado dele, o interesse e a estima; entretanto, decorrido algum tempo, disse-me Emmanuel que estava o companheiro treinando para se desincumbir de tarefa projetada e, de ▶

André Luiz vem à presença de Chico Xavier trazido por Emmanuel



REFLEXÃO

fato, em 1943, iniciava o trabalho com “Nosso Lar”

André Luiz não vem como um curioso ou um estranho. Não vem sozinho, por ele mesmo. Vem à presença de Chico Xavier trazido por Emmanuel, evidentemente dentro da programação prevista para o médium.

Todas as precauções são tomadas. A tarefa não se inicia de imediato. O trabalho que ambos vão realizar não é um trabalho comum de psicografia. Não se realiza como os

anteriores e nem como aqueles que viriam depois. Não se trata agora de páginas confortadoras, poéticas ou romaneadas. O labor que vão iniciar reveste-se de características especiais e exige de ambos a melhor identificação possível. Para maior afinização, André Luiz acompanha o médium em todas as suas tarefas e se demora em conversações. Não há pressa. Todos estão cômicos de suas responsabilidades, e Chico aguarda que André Luiz esteja pronto. Este, segundo esclarece Emmanuel, está treinando para o trabalho, e só em

1943 dá início ao seu primeiro livro – “Nosso Lar”.

“Desde então, vejo que o esforço de Emmanuel e de outros amigos nossos concentrou-se nele, acreditando intimamente, que André Luiz está representando um círculo talvez vasto de entidades superiores. Assim, digo porque quando estava psicografando o “Missionários da Luz”, houve um dia em que o trabalho se interrompeu. Levou vários dias parado. Depois, informou-me Emmanuel, quando o trabalho teve início, que haviam sido realizadas algumas reuniões para o exame de certas teses que André Luiz deveria ou poderia apresentar ou não no livro. Em psicografando o capítulo Reencarnação, do mesmo trabalho, por mais de uma vez, vi Emmanuel e Bezerra de Menezes, associados ao autor, fiscalizando ou amparando o trabalho.”

Esse trecho revela a importância da tarefa encetada por André Luiz. Evidencia que este não escreve por si próprio. É antes um representante de “autoridades superiores”. É o médium. O porta-voz. Em toda a obra ele surge como o repórter, que dá notícias de tudo o que se passa. Quando há dúvidas, ele pára a tarefa e aguarda a orientação superior. Isso nos leva a depreender que tudo quanto foi trazido por André Luiz recebeu a necessária autorização da Espiritualidade Maior. O próprio Emmanuel informa ao médium, quando o trabalho da psicografia de “Missionários da Luz” fica interrompido, que foram realizadas – no plano espiritual – algumas reuniões “para o exame de certas teses que

André Luiz não vem como um curioso ou um estranho.



André Luiz deveria ou poderia apresentar ou não o livro”.

Obviamente, a escolha não pertence a André Luiz. Ele segue a orientação de autoridades espirituais. E tem o seu trabalho diretamente fiscalizado e amparado por Emmanuel e Bezerra de Menezes.

Atualmente, já se diz que a contribuição de André Luiz não teria sido absorvida pelo meio espírita. Sobre isso Chico Xavier tece comentários, no livro “Encontros no Tempo” (IDE, 2ª ed.), respondendo a pergunta alusiva.

A obra desse autor espiritual, especialmente aquela denominada “Coleção André Luiz”, é realmente notável pela riqueza de seu conteúdo, constituindo-se em material de estudos para muitos decênios ainda. Muitas das suas revelações aguardam que o tempo e o amadurecimento dos espíritas venham a confirmá-las.

“Esta é a razão pela qual, segundo creio, não tem o nosso amigo trazido a sua contribuição direta. Isto é o que eu acredito, sem saber se está certo, porque no meio destas realizações eu estou como “um batráquio na festa”. A luz que, por vezes, me rodeia me amedronta. Vejo, ouço e me movimento, no círculo destes trabalhos, mas podes crer, vivo sempre com a angústia de quem se sente indigno e incapaz. Cada dia que passa, mais observo que a luz é luz e que a minha sombra é sombra. Reconhecendo a minha indignância, tenho medo de tantas responsabilidades e rogo a Jesus me socorra.”

Diante desse texto ficamos a

refletir na simplicidade e autenticidade do nosso Chico. Quase quarenta anos depois vêm a público essas impressões pessoais do médium. Ele não sai, àquela época e nos anos seguintes, alardeando elevação do trabalho que estava realizando. Não faz descrições e nem procura atrair para si a admiração geral. Discreto, simples, humilde, deixa que a própria obra fale por si.

Se Chico Xavier estivesse à cata de elogios e glórias humanas, bastaria fazer alarde de seus dotes mediúnicos. A maioria desses detalhes só agora chega ao nosso conhecimento. O fato de terem ficado profundamente velados dá-nos a medida da descrição, do zelo e cuidado com que Chico sempre encarou o seu labor mediúnico. Mas, sobretudo, nos traz uma segurança muito grande quanto à sua autenticidade. Tivesse ele apregoadado todas as minúcias, todos os pormenores relacionados com as precauções adotadas pela Espiritualidade Maior e algumas – apenas algumas – das condições em que ocorreram, talvez hoje, já algo esmaecidas pelo tempo e pelo consumo, perdessem a força de que atualmente se acham revestidas.

Todas as revelações de Chico Xavier em relação à obra de André Luiz levam-nos a uma série de reflexões.

Todas as revelações de Chico Xavier em relação à obra de André Luiz levam-nos a uma série de reflexões

Por essa razão Emmanuel não escreveu, ele mesmo, tais livros? Ou Bezerra de Menezes, que foi médico na Terra? Quais os motivos que teriam levado à escolha de André Luiz? Quais os critérios adotados para essa escolha? A verdade é que houve atenta, meticulosa e completa preparação.

André Luiz foi o escolhido para transmitir os novos ensinamentos. E o fez, absolutamente de acordo com a

orientação segura e sábia de Emmanuel e Bezerra. E ambos trabalhando de conformidade com altas autoridades espirituais.

A forma de narrativa foi planejada, visando facilitar o entendimento. André Luiz corporifica o aprendiz, que se torna, depois, em repórter da vida além-túmulo. Conta as suas próprias experiências ou, quem sabe, um conjunto de outras experiências, que ele, como um recurso de escritor, as transforma em suas, sem que isto invalide em nada a força do seu discurso ou a sua autenticidade.

Se ele fosse um iniciante em Doutrina Espírita, nem por isso haveria o perigo de prejudicar o trabalho, já que era ali, também ele, MÉDIUM de outros Espíritos mais elevados. Se se deixasse empolgar, teria Emmanuel e Bezerra ao seu lado, vigilantes. André sabe que as novas a serem lançadas no meio dos encarnados têm que ser doadas e viriam progressivamente. Quando escreve “Nosso Lar” tem um prazo e um limite dos assuntos

Está cômico de que não será fácil falar aos homens, revestidos de matéria física, das realidades do plano espiritual

previamente estipulados. Outros livros viriam e cada um trataria de aspectos específicos.

Muitas são as dificuldades que ele vai enfrentar. Está cômico de que não será fácil falar aos homens, revestidos de matéria física, das realidades do plano espiritual. Precisarã adotar terminologia que expresse essa realidade e, muitas vezes, em seus livros, encontramos o autor a lutar contra a falta de termos adequados, ora escolhendo palavras, ora fazendo comparações, na tentativa, enfim, de traduzir em nossa pobre linguagem toda a grandeza e complexidade da Vida Verdadeira que atua no Universo. Ele tenta, e consegue, o melhor que pode, expressar na



estreiteza da linguagem humana toda a magnífica visão da continuidade da Vida e da luta ingente do homem em sua escala evolutiva.

Que de dificuldades e problemas ele e seus mentores encontram para efetivar o empreendimento. Na transmissão dos informes, como devem tê-los atenuado, amenizado e contornado! Yvonne A. Pereira disse certa vez, em uma de suas obras (“Devassando o Invisível”, ed. FEB), que o médium não revela, não diz e não transmite tudo o que vê ou capta dos planos espirituais, que o médium deve silenciar sobre as suas mais belas

A Misericórdia Divina tem propiciado à Humanidade os conhecimentos compatíveis com o seu estágio evolutivo

visões, para não ser tachado de mentiroso. Isso é uma grande verdade. Mas, em relação aos Benfeitores Espirituais, podemos imaginar a mesma coisa. Quanto devem eles atenuar e contornar no momento de transmitirem as notícias do mundo extra-físico! Ainda assim os homens se negam a admitir, a aceitar muitas dessas realidades. É muito mais cômodo ajusta-los à nossa egoística e tacanha visão, pois elas nos incomodam, sacudindo-nos do marasmo a que nos viciamos. É-nos conveniente permanecer atormentados, ignorantes de uma realidade que entremostra o tão temido encontro com a verdade.

A Misericórdia Divina tem propiciado à Humanidade, em todas as épocas, os conhecimentos compatíveis com o seu estágio evolutivo. “Foi assim que os Espíritos procederam, com relação ao Espiritismo. Daí o ser gradativo o ensino que ministram. Eles não enfrentam as questões, senão à medida que os princípios sobre que hajam de apoiar-se estejam suficientemente elaborados e amadurecida bastante a opinião para os assimi-



lar. É mesmo de notar-se que, de todas as vezes que os centros particulares têm querido tratar de questões prematuras, não obtiveram mais do que respostas contraditórias, nada concludentes. Quando, ao contrário, chega o momento oportuno, o ensino se generaliza e se unifica na quase universalidade dos centros.” (Allan Kardec - “A Gênese, cap. I, item 54.)

Chico externa a sua opinião quanto ao trabalho de André Luiz, mas arremata dizendo não saber ao certo.

ou capta a sua figura atormentada, os clichês mentais que exterioriza e sabe, inclusive, se o que ele fala é sincero ou se ele esconde e disfarça a sua real intenção. O que não quer dizer – que fique bem claro – que se está proclamando a sua infalibilidade. Mas ele tem todas as possibilidades de captar tudo isso. E até mais, conforme o estágio de sua mediunidade. O mesmo ocorre quando da comunicação de um Benfeitor Espiritual. Mesmo que o médium seja inconsciente, ele vai registrar as suas impressões quanto às vibrações que o envolvem, se são elevadas, equilibradas ou não.

Tal acontece com os médiuns da craveira comum. Vamos transpor essa

realidade para o médium Chico Xavier. É muito fácil deduzir que todas essas percepções mencionadas, em relação a ele deixam de ser simples percepções para serem certezas, porque como é do conhecimento geral, Chico vê e fala com os Espíritos como se estes pertencessem ao plano material. Vive ele entre os dois mundos, o físico e o espiritual. Isto sem falar na natureza da sua missão, nos preparativos que antecederam à sua reencarnação e na assessoria de Emmanuel. Sendo assim, infere-se que ao externar a sua opinião sobre André Luiz e a obra deste, ele tem certeza do que diz, mas, modestamente, se coloca como quem ainda está tateando, porque, na realidade, ele se sente dessa maneira. Daí a razão de

Mesmo que o médium seja inconsciente, ele vai registrar as suas impressões quanto às vibrações

Entretanto, podemos confirmar, sem medo de errar, que ele tem certeza do que diz. A sua natural humildade é que o leva a colocar como incerta a própria opinião.

Raciocinemos, porém, para uma conclusão.

Um médium que esteja apto ao trabalho da mediunidade, que conheça a Doutrina e a estude com regularidade, que tenha alguns anos de prática mediúnica, que trabalhe com devotamento e amor, esse médium, mesmo sem ser um missionário, tem condições de perceber, no instante das comunicações, as circunstâncias espirituais que as envolvem. Assim, por exemplo, quando da comunicação de um obsessor, revoltado e enraivecido, ele sente, vê

suas palavras: “Isto é o que eu acredito, sem saber se está certo, porque no meio destas realizações eu estou como um “batráquio na festa”.”

Mas, a explicação final desse seu posicionamento deve ser encontrada no trecho em que ele afirma: “A luz que, por vezes, me rodeia me amedronta. Vejo, ouço e me movimento, no círculo destes trabalhos, mas, podes crer, vivo sempre com a angústia de quem se sente indigno e incapaz. Cada dia que passa, mais observo que a luz é luz e que a minha sombra é sombra. Reconhecendo a minha indigência, tenho medo de tantas responsabilidades e rogo a Jesus me socorra.”

Esta conclusão do médium nos dá uma idéia do ambiente que o rodeava enquanto estava psicografando a Série de André Luiz.

Há necessidade de dizer mais?

“Perdoa-me estas referências tão longas. Senti grande contentamento ao saber que teremos, em breve, novo romance das faculdades de nossa distinta irmã Zilda Gama. Aguardo-te as impressões quando fizeres a primeira leitura.

(...) Estimaria poder cooperar materialmente na publicação desses tra-

balhos dedicados à infância, reconhecendo quão pesados são já os encargos da Federação e da Livraria, mas, se não posso fazê-lo agora, tenho confiança no futuro. Aliás, falei disso com o Ismael, quando ele esteve comigo neste ano. Agradeço muito o carinho que consagraste ao assunto.

(...) Leopoldo Machado seguiu para o Norte Mineiro, mas não pude vê-lo. O serviço não me permitiu. Poderás desculpar-me esta “carta-tratado”? Espero que sim. Aqui, graças ao Pai, tudo corre bem. Peço ao Alto para que o mesmo se dê contigo.”

Entre os assuntos variados destacamos o comentário de Chico externando o desejo de um dia poder cooperar materialmente com a FEB, na publicação de livros. Ao lado deste trecho,

Cada dia que passa, mais observo que a luz é luz e que a minha sombra é sombra

Wantuil escreveu a lápis: “E realmente o futuro lhe deu ensejo de contribuir materialmente, desistindo do legado de Figner.” Alguns meses depois dessa carta, Chico realizaria seu desejo, como veremos mais adiante.

Fonte:

SCHUBERT, Suely Caldas. Testemunhos de Chico Xavier. Págs. 96 - 105. Feb.

O Evangelho de Chico Xavier

por Carlos A. Baccelli



“A prece, para o homem, deve ser uma fonte de inspiração para o trabalho. Ele deve procurar na oração as forças para agir, porque, sem dúvida, a fé sem obras, no dizer de Emmanuel, não passa de uma flor artificial sobre a mesa...”



“Eu não saberia dizer a relação existente entre mediunidade e sofrimento... Os seus instantes mais produtivos na mediunidade foram também os de maior luta. Reclamar das dificuldades que tenho enfrentado seria negar as bênçãos que a mediunidade me tem proporcionado no trabalho com os Bons Espíritos”.



“Certa vez, um repórter me perguntou se eu estava disposto a começar tudo outra vez... É claro que recomençaria. Para mim, a mediunidade na Doutrina Espírita tem sido uma alegria. O que eu não sei é se os Espíritos Amigos estariam dispostos a recomençar comigo... As minhas imperfeições são tantas! Creio que tenho dado a eles, os Espíritos Benfeitores, mais trabalho, ou seja, eles têm tido mais trabalho comigo do que eu propriamente tenho trabalhado com eles”.

“Nunca atravessei um dia sem luta... Quando as coisas corriam muito bem para mim, eu podia esperar no final da tarde ou da noite, aparecia o problema... Mas eu nunca pude me dar o luxo de ficar choramingando. Emmanuel dizia: - Chico, o médium tem que deixar o problema de lado, médium que não aprende a esquecer e seguir adiante, que não remove de dentro de si mesmo os obstáculos, compromete o trabalho... então, eu tinha que sofrer calado, não dando mais que dois ou três minutos de atenção ao aborrecimento...”



“Quem mais sofre no mundo é quem tem mais tempo para si mesmo. Quando o sofrimento alheio nos incomoda, o nosso não nos incomoda tanto... Eu tinha que ir para o “Luiz Gonzaga” escutar o povo, escutando aquela fila. Acabava me convencendo de que o que eu sofria não era nada... A gente tem uma mania de dramatizar em excesso a própria dor!”



“Não há problema que não possa ser solucionado pela paciência. A paciência desarticula os mecanismos do mal... Aquele que não se alterava diante da prova, não reagindo às provocações, ignora o mal... A impaciência é a reação que quem nos provova está esperando. A melhor maneira de frustrar o mal é colocar em prática as sugestões do bem. Não me considero um homem de paciência, mas, se caso não tivesse aprendido com os Bons Espíritos algo do valor dessa virtude, e teria criado mais sérios embaraços para minha própria vida... Os obstáculos no exercício da mediunidade sempre me foram um desafio constante. Não me lembro de um só dia que tivesse atravessado sem problemas...”



“A obsessão acompanha muito de perto o médium. O médium que não vigia é uma presa fácil para os obsessores... Mediunidade significa porta aberta, é uma porta escancarada, acaba passando quem quiser... A vigilância é uma espécie de sentinela, exigindo a senha dos candidatos a entrar...”

O Centro Espírita e seus Trabalhadores

por Therezinha Oliveira



Toda religião que não melhorar o
homem não atinge sua finalidade.

Kardec

(O Evangelho Segundo o Espiritismo, VIII, 10)

Para alcançar esse objetivo, o centro espírita procura:

1) Despertar nos que o procuram a consciência:

- de sua natureza espiritual (ser imortal, filho de Deus);
- sua posição no mundo (instrumento dos desígnios divinos);
- sua capacidade de progredir (não apenas pelo que pensa e crê mas pelo que realiza).

2) Estimular à conduta espírita (à moralização, ao comportamento cristão).

Criar essa mentalidade nova nas pessoas não é tarefa fácil nem imediata porque: sendo um espírito reencarnado, cada pessoa já traz consigo uma bagagem de experiências; e, tendo livre-arbítrio, pode estar disposta ou não a se corrigir, modificar e aperfeiçoar.

O centro espírita irá trabalhar a pessoa como se apresenta.

Muitas vezes, graças à excelência da Doutrina Espírita e por oferecer o centro um ambiente espiritualizado, idealista e fraterno, consegue, com seus ensinamentos e práticas, sensibilizar e motivar a pessoa para a sua reforma íntima para o serviço ao próximo, fatores básicos do progresso intelectual e moral.

Ao contribuir para as pessoas progredirem, o Centro Espírita encontra seu próprio progresso

Sempre que, no centro espírita, as pessoas se sentem atendidas no que precisam espiritualmente e encontram, também, campo para aprender e servir, tendem a se tornarem mais um de seus colaboradores, engajando-se nas suas tarefas com sincero idealismo.

É assim que o centro espírita esclarecido e bem organizado vê crescer o número de seus trabalhadores e aumentar a lista dos serviços espirituais e assistenciais que consegue prestar à comunidade.

O trabalhador da casa espírita é alguém que:

- Já está conscientizado de sua natureza espiritual, imortal e progressiva;
- Apresenta certa disciplina moral mas continua buscando se melhorar;
- Deseja ajudar ao próximo, colaborar para o progresso da humanidade, em atividade puramente voluntária e idealista.

Recomendações ao trabalhador espírita

Para consigo mesmo:

- estudar sempre a Doutrina Espírita e o Evangelho;
- manter os bons costumes, lutando especialmente contra os vícios;
- exemplificar sempre a conduta espírita-cristã, mas sem mania de santidade (sem fingir virtudes que ainda não adquiriu);
- cumprir os deveres familiares.

Ante a espiritualidade:

- manter o respeito, a seriedade e os propósitos elevados;
- jamais desistir da construção do bem.

Para com a casa espírita em que colabora:

- manter a disciplina, respeitar as diretrizes da casa, atender às instruções dos dirigentes;
- não agir com personalismo, vaidade ou orgulho na condução das tarefas que lhe forem confiadas;
- ajudar o núcleo em que serve a crescer (na boa organização e na eficiência dos serviços);
- evitar murmurações e melindres.

Em relação aos companheiros de trabalho:

- tratar a todos com fraternidade sem exigir virtudes deles;
- respeitar as idéias de todos;
- jamais criticar alguém em público e nunca falar mal de pessoa ausente;
- evitar envolvimento sexuals inconvenientes, com companheiros ou frequentadores.

O dirigente espírita

Todos os trabalhadores têm responsabilidade quanto aos serviços da casa espírita, mas o dirigente tem responsabilidade maior, porque nela conduz alguma atividade.

Deve conhecer e compreender as finalidades do espiritismo, já que vai oferecê-lo às massas.

Precisa ser pessoa agradável e acessível no trato, para poder agregar companheiros.

Deve liderar conquistando aceitação e consentimento dos liderados, por lhe reconhecerem eles sua autoridade moral e doutrinária.

Empregará o trabalho em equipe, dividindo bem os serviços, não entregando tarefas a quem não tenha condições para executá-la.

Procurará despertar em cada um da equipe a vontade de ajudar a si mesmo e ao próximo.

Tratará a todos com igualdade, respeitando e fazendo respeitar cada qual em sua função.

Dará exemplo de trabalho sem a obrigação de fazer tudo ele mesmo, sabendo delegar funções organizando o trabalho para os outros de tal modo que, se precisar se ausentar, não seja imprescindível nem insubstituível.



Preparação de seareiros

A casa espírita precisa preparar e orientar previamente os que vão ser seus cooperadores, senão enfrentará neles algumas dificuldades, tais como:

- ▶ **Moralmente**
Vaidade ferida, inveja doentia, sorriso hipócrita, crítica destruidora, amizade particularista, sentimento de falsa superioridade.
- ▶ **Doutrinariamente**
Divulgar na casa espírita idéias falsas e discordantes do Espiritismo ou desvirtuar as práticas espíritas.
- ▶ **Na execução de tarefas**
Executar mal por não ter aprendido como realizar o serviço nem ter passado por estágio prévio sob supervisão experiente.
Não manter a disciplina, horário, assiduidade.
- ▶ **Na apresentação e relacionamento**
Descuidar-se na higiene e na aparência, vestir-se inadequadamente ao ambiente e atividades da casa espírita.
Comportar-se inconvenientemente em relação ao dirigente, ao grupo ou ao público, causando ou mantendo atritos e discussões.
- ▶ **Quanto ao patrimônio do centro**
Usar sem cuidado móveis, utensílios e aparelhos e não manter a ordem e arrumação devidos.

Como preparar os seareiros?

Estimulando, facilitando o aprendizado, em reuniões em que haja participação de todos. E exemplificando o melhor possível a conduta espírita em todos os momentos.

No dizer de Joanna De Angelis, através de Divaldo P. Franco, é preciso:

Espiritizar: Orientar para que, na casa espírita os objetivos estejam consentâneos com os princípios da Doutrina Espírita.

Qualificar: Dotar de condições, recursos, preparo para exercer com êxito uma função, realizar bem um serviço.

Ex. Tesoureiro precisa saber contabilidade, o passista conhecerá fluidoterapia, o expositor terá didática para dar aula.

Humanizar: Que cada tarefa seja realizada dando-se atenção sempre ao aspecto humano e não de modo rotineiro, insensível.

Para manter a qualidade do serviço

Uma casa espírita, como toda instituição de fins elevados e benemerentes, certamente recebe do plano espiritual amparo grande e constante, para poder dar continuidade às suas meritórias atividades.

Mas não prescinde de uma boa organização humana. Indispensável estabelecer as bases, ordenar, dispor de tudo que for necessário para que as funções da casa decorram a contento, atingindo seus objetivos.

Planejar atividades, para se definir bem os objetivos que queremos alcançar e, uma vez executadas as atividades, avaliar os resultados para que se possa corrigir o que precisar ser retificado, insistir no que está dando bons resultados, calcular que novos patamares devem ser programados.

Oportuno transcrever aqui o que já escrevemos sobre “Organizar com Amor”, no livro *Em Busca do Homem Novo*.

A organização é indispensável e desejável para todo o Centro Espírita, porque facilita o serviço e assegura a ordem das tarefas.

Que ela, porém, não venha a ser motivo de intransigência, de rigorismo exagerado. Senão, acabará destruindo o ambiente cristão, cheio de calor humano, que o Centro Espírita deve ter e manter.

Lembremos o ensinamento de Jesus: “O sábado foi estabelecido por causa do homem e não o homem por causa do sábado” (Marcos, 2:27). Valorizemos a organização, pugnemos por ela em nossas casas espíritas. Mas não esqueçamos de que a organização no Centro Espírita só é útil enquanto serve o melhor andamento do trabalho cristão, enquanto ajuda ao cumprimento das finalidades espirituais.

Organizar com amor é o meio de assegurarmos às casas espíritas

o desenvolvimento ordenado, sem a perda de seu clima e valores espirituais.

Ditosos os que hajam dito a seus irmãos:

Trabalhem juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra, porquanto o Senhor lhes dirá:

Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio às vossas rivalidade e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!

(O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XX. “Os Obreiros do Senhor”, Item 5)


Fonte:

OLIVEIRA, Therezinha. *Espiritismo - A Doutrina e o Movimento*. Págs. 103 - 109. CEAK

O Amigo Beletrista - parte II

por Yvonne do Amaral Pereira



 convidou-nos, em seguida, a sentar numa poltrona de velho jacarandá, sentando-se ele próprio à nossa frente. E foi ali, naquela casa que abrigara a mulher que ele amara, embalado pelo encantamento da atmosfera da própria ambiência, que ainda conservaria as vibrações do drama então vivido, com as imagens das cenas fotografadas nas ondas etéricas que repletariam o recinto, que o amigo “Beletrista” narrou ao nosso entendimento espiritual o que desejaria escrever por nosso intermédio, numa crítica dolorosa ao Código Civil Brasileiro, pela ausência do divórcio, ausência que, comumente, segundo ele próprio, desgraçando corações muitas vezes nobres e generosos, concorre para lamentáveis desequilíbrios no seio da sociedade e da família. Fê-lo,

porém, agitado, por vezes presa de incontidas revoltas, por vezes banhado em lágrimas insopitáveis. Mas, não conseguia projetar os pensamentos com verdadeira mestria, de modo a imprimir aos quadros das suas recordações a beleza e a seqüência admirável usadas na literatura espiritual do gênero. Seus coloridos eram de cor cinza, com trechos amarelados e, de quando em vez, rajados de vermelho, dando a impressão de jatos de sangue a contaminar as cenas, o que indicaria, exatamente, a natureza de suas preocupações mentais, absorvidas nas lembranças do trágico desfecho da sua vida sentimental, como apreciaremos mais adiante.

Não nos permitiremos reproduzir, nestas páginas, o drama integral a que assistimos, vivo e patético, reproduzido, pela palavra espiritual

da entidade, com todas as minúcias da boa forma literária terrena, não obstante muito deixasse a desejar como literatura espiritual. E, assim agindo, nada mais fazemos do que observar ordens dos mentores espirituais, pois a dita história, sofrendo a rejeição desses vigilantes amigos, conquanto se apresentasse dramática, profunda e comovente, não poderia ser apresentada ao público sob os auspícios da Doutrina Espírita. Diremos, todavia, a título de curiosidade, para observação e meditação do leitor, que o exposto por “Beletrista”, como sendo o seu drama pessoal, é a história de uma jovem terna e sonhadora, abandonada pelo marido no segundo ano dos sponsais, o qual a ela preteriu pelas aventuras incertas de uma vida sem responsabilidade; a quem um sedutor, após, impele a faltar ▶

com os deveres de dignidade pessoal, e que, em conseqüência, se torna mãe de uma linda criança, que era o seu enlevo e o consolo das amarguras diárias provindas da lamentável situação. Mas, esse primeiro amante, brutal e tirano, torna-lhe a vida infeliz e tormentosa e a separação se impõe como necessidade inadiável. Surge, então, “Beletrista”, amoroso e sentimental, amando-a devotadamente pelas suas próprias desditas, qual generoso e romântico salvador... mas, a quem ela não poderá desposar, porque as leis civis, no Brasil, não o permitem, visto ser casada e não ser admitido o divórcio em nossas sociedades... Amam-se, entretanto, e a felicidade embala seus corações, durante algum tempo... pois que, em breve, ressurgue o espectro do passado, na pessoa do primeiro amante, que entra em lutas despeitadas e tentativas violentas para desunir o casal e arrebatar-lhes a criança... Arrebata-a, com efeito, depois de mil processos angustiosos, muito embora não consiga destruir a terna afeição que une os dois apaixonados... Mas, Maria Elisa, não suportando a dor de viver sem o filho querido, exausta de tantos desgostos e desilusões, impacienta-se, enquanto “Beletrista” se desdobra em esforços para reaver o entezinho adorado... e, num momento de desalento e saudade, suicida-se, incapacitada para continuar lutando. Desesperado, inconsolável, traumatizado pelo golpe irremediável, “Beletrista” adoece e sobrevém a neurastenia...

Uma vez terminada a narrativa, extraída dos refolhos do seu ser, o que quer dizer que ele, o expositor, viveu novamente, intensamente,

todos os seus atrozes lances, ainda desfeito em lágrimas, como no próprio dia em que, regressando dos serviços da sua clínica, encontra Maria Elisa morta, com o revólver ao lado e uma bala no coração, estendida sobre um tapete de sangue já coagulado, o infeliz amigo desencarnado perguntou-nos:

– “Quando poderemos escrever esse drama? Acredite, minha senhora, seria um refrigério para o meu coração poder escrevê-lo!”

Ponderamos-lhe, porém, que o drama, que tanto o atormentava, além de encerrar uma história brutal e, por assim dizer, vulgar em nossos dias, quando os jornais diariamente apresentam à publicidade dezenas de dolorosos casos idênticos, não estampava o caráter moral e doutrinário exigido para

uma obra espírita:

– “Rogo-lhe procurar-me amanhã... Pedirei instruções aos meus conselheiros espirituais... Nada poderei decidir sem ouvi-los...”

Ele acompanhou-me cavalheirescamente, de retorno ao corpo carnal, não mais pronunciando, sequer, um monossílabo.

Na noite imediata, ainda no próprio “Posto Mediúnico” onde atendíamos aos trabalhos de receituário, num intervalo dos mesmos, durante o qual permanecíamos à espera de novos prováveis pedidos, mas ainda em prece e meditações, apresentou-se o nosso amigo da véspera a procurar a resposta prometida. Recordamo-nos de que, então, se encontrava profundamente preocupado e triste, o que nos compungiu, infundindo-nos a ▶

**esse primeiro amante, brutal e tirano,
torna-lhe a vida infeliz e tormentosa**



ESTUDO

idéia de elevar uma súplica a Jesus, em sua intenção. Não obstante, ele nada dizia, nem interrogava, permanecendo discreto, em humilde silêncio. Compreendendo que não podíamos deixar de atendê-lo, travamos uma conversação telepática, tão vivaz, precisa e fiel, que nos parecia ouvir-lhe o murmúrio da voz, ou das vibrações mentais, que se afiguram ao médium uma perfeita voz humana, retratando até mesmo o tom vocal característico da personalidade que as emite. Dissemos-lhe, pois:

– “Meu irmão! Muito me penaliza declarar-lhe não me ser possível servir de intermediária para o seu ditado aos homens!”

Continuou em silêncio e nós prosseguimos:

– “Sim, porque uma obra patrocinada pela Doutrina Espírita há de apresentar também as conclusões morais, o ensinamento instrutivo das conseqüências dos erros praticados pelas suas personagens... Na sua triste história - perdoe-me dizê-lo - existe adultério generalizado e suicídio... mas nenhuma exposição moral analisando ambos... Existe amor e martirologio, mas nenhuma concepção doutrinária em torno dos fatos expostos... Como obra humana, de escritor terreno, seu valor igualmente seria relativo, pois que o assunto, em si, é a repetição de cem casos diários ocorridos em nossas sociedades, que preferem viver à revelia do respeito a Deus... Todavia, poderia ser literariamente bela, comovente, dado que fosse escrita com verdadeira arte ... Mas, como obra mediúnica, seria falha, quiçá nociva...”

– “Nega-se, então, a me au-

xiliar?...” – exclamou, agastado, excitado.

– “A auxiliá-lo não me negarei jamais! Terei, mesmo, imenso júbilo em ser-lhe útil, de alguma forma... Porém, tenho responsabilidades que talvez o amigo desconheça... as quais me impedem atendê-lo no presente caso... Para que pudesse ser patrocinado pela Doutrina Espírita, seu drama precisaria reportar-se ao passado espiritual das personagens nele revividas, avançar pelo Invisível adentro, investigando as conseqüências espirituais das delinqüências cometidas... acentuar a catástrofe que se abate sobre o Espírito infeliz que praticou o suicídio... Suas páginas, meu irmão, deveriam conter conceitos que consolassem o leitor, sujeito sempre a múltiplos infortúnios, e que se desespera ou desanima ante as lutas cotidianas, conceitos sorvidos nos Evangelhos do Divino Mestre, que lhe apontassem, ainda, alvíres felizes do Consolador prometido, ou Espiritismo, para remediar suas próprias tribulações... ao passo que observei ontem, em sua longa exposição, que nem uma só vez o nome de Deus foi pronunciado! Por tudo isso, com a leitura do seu drama, tal como narrado, as criaturas colocadas em situação melindrosa, na vida de relação, somente encontrariam, em suas páginas, o desânimo, o desespero, ocasionando o suicídio, a inconformidade e a paixão incontável, gerando a neurastenia e a descrença, que igualmente conduzem à morte prematura...”

A entidade visitante bateu com força, com o punho fechado, sobre a mesa onde trabalhávamos, e onde o Evangelho do Senhor se

encontrava exposto, e retrucou, contrariada:

– “Mas... a obra será boa, na sua estrutura realista, será comovente, dirigida por um coração que sofre a outros corações que também sofrem, para que se reconfortem na certeza de que não são os únicos a sofrer!... E será bem escrita, garantto-lhe! Já disse que fui apreciado beletrista!...”

– “Não duvido, meu irmão, mas isso não será bastante! Nas obras literárias de caráter espírita será necessário algo mais profundo e rigoroso! O senhor, com esse drama, teria escrito para o sensacionalismo dos livreiros, para sucesso dos mostuários, talvez, obra forte, de um realismo brutal e contundente... e os médiuns espíritas somente deverão ser intérpretes de obras moral e espiritualmente educativas, consoladoras... ou, então, científicas, filosóficas...”

– “Vossa Exa. poderá assinar o seu próprio nome, visto que não me importa permanecer à margem... Ninguém precisará saber que a obra foi mediúnica... Poderá enriquecer, pois alegre-me poder concorrer para a sua abastança, porquanto estou informado das dificuldades monetárias que a afligem... Garanto-lhe inspiração e motivos sensacionais e inéditos, para uma fecunda literatura, ao gosto da maioria do público. Entre os Espíritos, como eu, há dramas tenebrosos, inacreditáveis, inconcebíveis, ricos de emoções e originalidades, e isso agrada sempre o leitor, e produz renome! Eu lhe contarei tudo, escreverei pela sua mão! Obterá um nome famoso na literatura nacional e quiçá no estrangeiro, glória, fortuna, adm- ▶

ração, adoradores!...”

– “A Doutrina Espírita ensina aos médiuns, meu irmão, que a fortuna de um intérprete do Invisível será a paz da consciência, e que a sua glória estará no dever cumprido, perante as leis de Deus, como na renúncia ao mundo pelo amor ao Bem e à Verdade... Eles não poderão visar jamais a quaisquer lucros pecuniários, com a sua produção mediúnica... porque, se assim procederem, estarão incorrendo em penalidades graves perante a própria consciência e a santidade do mandato que lhes foi confiado... Não me atraem, portanto, o renome que poderia conquistar com os favores que o irmão, muito bondosamente, pensaria em conceder-me, nem glórias terrenas e tampouco os tesouros que a ferrugem possa consumir e os ladrões roubar”, tal como advertiu nosso Divino Mestre. Dentro da Doutrina Espírita, somos reeducados no desinteresse dos bens temporais... Todavia, tenho uma coisa para lhe dizer...”

– “Diga-a...”

– “Porque não inspira os belezistas terrenos, não espíritas, que desejariam glórias e fortunas?... Partindo do princípio psíquico de que todos os homens são influenciáveis pelo mundo espiritual, talvez esse alvitre viesse ao encontro dos seus desejos, visto não desejar aparecer como o verdadeiro autor dos trabalhos a serem escritos...”

A resposta foi viva, peremptória:

– “Não, não quero! Esses não me servem! Desfigurarão com suas próprias idéias e conceitos pessoais o que eu desejaria expor... Já o tentei várias vezes... mas deturparam quanto lhes sobrepujaram os ouvidos...”

O trabalho tornou-se ridículo, detestável...”

– “Permite, então, um conselho?...”

– “Que importa meu destino, para que me deseje aconselhar?... Pois se me nega o favor de...”

– “Importa-me muito profundamente o seu destino! A Doutrina que professo exige do seu adepto o fraterno interesse pela sorte de todas as criaturas, as quais passamos a considerar irmãs muito queridas... Quero, por isso mesmo, vê-lo feliz, meu irmão, recuperado, primeiramente, para Deus e para si próprio,

é um homem, e, sim, um Espírito! Espiritualize-se, portanto, alçando a mente, todas as suas energias e vontades, para o Mundo Espiritual, ao qual pertence! E o primeiro passo para a grande renovação que se impõe na sua individualidade é a prece, a meditação em torno das Ciências Celestes e não em torno do amor de uma mulher; o estudo da Filosofia Espírita... pois essa Filosofia é universal, abrange a Terra, os Espaços sem fim, os mundos siderais, a alma das criaturas, o coração de cada um de nós... Procure adaptar-se ao conceito do amor a

os médiuns espíritas somente deverão ser intérpretes de obras moral e espiritualmente educativas

e depois para as Belas-Letras e a sua Maria Elisa...”

– “Oh! Crê, então, que, um dia, reencontrarei Maria Elisa?”

– “Certamente que a encontrará! Depois que ambos se reajustarem aos rígidos princípios do dever e após resgatarem os débitos contraídos durante os desvarios das paixões, oriundas da descrença em Deus! Encontrá-la-á, novamente, sim, que dúvida! desde que seu sentimento foi sincero, apesar de infeliz e desequilibrado...”

– “Aconselhe-me...”

– “Faça, de início, um esforço para se acalmar esquecendo o passado, para só tratar do futuro, esquecendo as Letras, o amor infeliz! Como vê, é necessário, em primeiro lugar, a renúncia! E ore! O amigo não deverá esquecer que não mais

Deus e ao próximo... e calque nas profundidades do pensamento a saudade dos fatos que o torturam... Nesta casa, meu amigo, ora-se, estuda-se e trabalha-se, inspirando-se no amor de Deus e do próximo... Foi médico na Terra?... Ainda o é no Invisível, porque o sagrado patrimônio intelectual de cada um de nós é bem imortal, que jamais perderemos. Aqui, a esta casa, acorrem doentes, como poderá verificar... Acabo de solicitar, dos médicos do Além, receituário para seus diferentes males físicos... Ajude-nos a aliviar suas dores, curando suas doenças físicas para, mais tarde, poder aliviar, também, os males morais de outros tantos enfermos... Ore conosco, assistindo metodicamente a nossos estudos e meditações... Convido-o, mesmo, a estudar diária-

ESTUDO

mente comigo, no silêncio do meu aposento, que conhece... e preste atenção aos ensinamentos contidos nos livros que leio e nos que me dão as nobres entidades espirituais, que e me concedem a honra dos seus ditados mediúnicos... Depois... Depois, meu amigo, o caminho a trilhar por si mesmo se descortina, permitindo a paz que há faltado ao seu coração, até hoje...”

Nada respondeu, mantendo-se em triste silêncio. Conservou-se respeitoso, durante a prece para encerramento do receituário. Retirou-se vagarosamente, e por alguns instantes ainda nossa visão espiritual distinguiu-o, caminhando ao longe, por uma estrada ligeiramente inclinada, polvilhada de uma substância creme e meio cintilante... E pareceu-nos que chorava...

Não mais tornamos a ver essa individualidade espiritual, ou sequer tivemos notícias dela. Não indagamos, jamais, do seu paradeiro aos instrutores espirituais que nos assistiam. Mas, não a esquecíamos. Orávamos em sua intenção, durante nossos trabalhos, e a convidávamos a acompanhar-nos nos estudos diários obras espíritas, que sistematicamente fazemos até hoje. Não mais pressentimos sua presença, nem qualquer intuição informativa a seu respeito. Quatro anos depois da sua visita, no entanto, ou seja, pelo ano de 1934, fazíamos a seção “Sociais” para jornal semanário do interior, de propriedade de um dos nossos irmãos. No momento de empunhar a caneta para traçar as primeiras linhas daquele noticiário, alguém do Invisível, que não conseguíamos identificar, arrebatou-nos o braço,

atira a caneta para o lado, toma do lápis e traça velozmente uma pequena novela, intitulada “Deodato”, posteriormente publicada, em folhetins, por um conhecido jornal espírita do Rio de Janeiro. Esse trabalho, com todos os característicos dos ditados mediúnicos, recebido em momento impróprio, sem que nos houvésemos preparado sequer com uma prece, sem que ao menos tivéssemos pensado em qualquer categoria de Espíritos, foi traçado tão rapidamente que não pudemos interrompê-lo senão para trocar de lápis, e quando, finalmente a entidade comunicante modelou a última frase, e exclamou, como de hábito em trabalhos congêneres:

– “Ponto final!”

Não após assinatura. Certa de que, absolutamente, não seria de nossa lavra a produção literária que acabávamos de compor, pois que somente escrevemos sob influência dos Espíritos, ainda quando o trabalho se afigure nosso, como acontece com o presente volume, rogamos à entidade, enternecida, sentindo ainda a sua presença e a ternura que nos invadiu, dulcificando nosso coração:

– “Querido irmão, muito agradeço a benevolência da vossa presença... com a mimosa dádiva literária com que me presenteais... Que o Senhor vos ilumine e abençoe, tornando-vos feliz na Espiritualidade... Tende a bondade de assinar o vosso trabalho...”

Esperávamos, mas a entidade quedava-se silenciosa e esquiva. Repetimos a súplica:

– “Tende a bondade de assinar... Um trabalho anônimo, de Além-

Túmulo, não tem valor... e não poderá ser publicado...”

Então o visitante “falou”, docemente, e confessamos que, decerto, um embotamento singular nos obscurecia as intuições, até o momento presente, em que escrevemos estas páginas, impedindo-nos reconhecer o Espírito que então nos visitava, pois que, realmente, apenas neste momento somos informada, quando o é também o leitor, de que o autor espiritual da novela “Deodato”, escrita em 1934, fora o amigo “Beletrista”. Respondeu-nos ele, porém, naquela época, sem que o identificássemos:

– “Assina tu mesma... Presenteio-te com ela... Eu não desejo aparecer...”

Ora, chegando a esta altura do presente capítulo, que nos está surpreendendo mais do que ao próprio leitor, eis que o venerável Espírito Dr. Bezerra de Menezes, um dos patronos espirituais do Centro Espírita de Lavras, pela época em que lá militávamos, e onde, pela primeira vez, falamos ao amigo “Beletrista”, irradiava até nós seus pensamentos, avisando-nos de que dirá algo a respeito. Atendemo-lo,

comovida, oramos, esperamos... cedemos-lhe o lápis... Vejamos o que dirá o amado Espírito que, do Além, como outrora, sobre a Terra, tantas lágrimas soube enxugar nos corações sofredores:

— “Há vinte e sete anos, quando a ti foi exigido o testemunho do Desinteresse, que integra a série de provas programadas pela Iniciação constante dos métodos da Escola de regras orientais a que teu espírito é subordinado, esse irmão, que cognominas de “Beletrista”, sofredor, mas amável, bem-intencionado, mas espiritualmente incompetente, e ansioso por algo sublime que o renovasse, norteando-lhe os passos na jornada espiritual, foi o indicado para a tentativa que seria mister sofreses, como Espírito delinqüente perante o Evangelho, necessitado de testemunhos renovadores ante as leis eternas. Mercê de Deus, cumpriste o dever de aprendiz, desinteressando-te dos haveres e glórias do mundo, com a discrição conveniente ao Espírito iniciante na Verdade. Afinado com os teus próprios sentimentos e ideais, “Beletrista” não só te vem discretamente

acompanhando durante esses vinte e sete anos, sob nossa vigilância, como muito aprendeu contigo mesma, referência feita aos estudos e práticas da Doutrina, que nunca negligenciaste pois que ele aceitou o teu antigo convite, para acompanhar-te nesses misteres. Como médico que foi na Terra, muito se dedicou agora, como Espírito desencarnado, aos enfermos e aflitos que às tuas possibilidades mediúnicas solicitavam receitas e indicações para tratamento da saúde, o que quer dizer que os tratou e curou por teu intermédio, sem que te apercebesse de que era ele que o fazia! Ele fez mais, porém: como intelectual que também é, amante e cultor das Belas Letras, muitas crônicas, artigos e até “conferências” que escrevias e lias, outrora, em reuniões de estudos espíritas, escreveuas ele com o teu lápis e a tua mão, servindo-se das tuas faculdades de intuição. Eu, porém, ou alguém por mim, fiscalizava e presidia tais atividades... pois “Beletrista” é meu pupilo espiritual, a quem muito quero, e que preparo e reeduco para nova existência carnal.

Propositadamente, obtávamos intuições e esclarecimentos concernentes ao caso... É bom que o médium ignore muitos acontecimentos em que toma parte, como agente transmissor da Espiritualidade, a fim de que a vanglória e a pretensão, sempre fáceis de se infiltrarem no caráter humano, não lhe anulem as possibilidades prematuramente, antes de ele próprio se servir dos ensejos que recebe, e que lhe são de justiça, para as tentativas de progresso. Não ignoravas tratar-se de ditados mediúnicos intuitivos

os trabalhos literários que obtinhas sem assinatura. Mas, os que te cercavam, amigos, familiares, companheiros de ideal, julgavam tratar-se de produções da tua própria mente... Seria ainda, de algum modo, um testemunho grave, onde seriam provados os teus pendores para a simplicidade ou a vaidade... como também seria um aprendizado indispensável ao pobre sofredor, que iniciava a própria reeducação à luz do Consolador e precisava progredir... Graças à bondade do Mestre, que nos socorreu, vencemos todos! “Beletrista” terminou o curso e reencarnará quando desejar, para novos testemunhos, que implicarão sua renovação para o domínio do Espírito. Se quando outrora, ele a ti se dirigiu pela primeira vez, tentando convencer-te a anuir aos seus intentos, oferecendo-te “fortuna” e “glória”, tu o tivesses atendido, resultaria de tal conluio uma obsessão para ti mesma, a qual possivelmente redundaria em suicídio, pois que terias exposto as tuas faculdades, positivas como são, às forças inferiores do Invisível, visando a interesses mundanos, pois, então, serias abandonada ao teu livre-arbítrio; e, para ele, agravo de responsabilidades e situações futuras precaríssimas, pois que “Beletrista”, pela época, ainda não se encontrava em condições de desempenhar um ministério espiritual de tal gravidade... Vejo, porém, a interrogação em teu cérebro: — E o suicídio por ele praticado?...

Não houve, exatamente, um suicídio, na expressão costumeira do termo, visto que, pela época do seu decesso físico, ele se encontrava totalmente presa de graves distúrbios nervosos, além de obsidiado ▶

ESTUDO

pela entidade suicida Maria Elisa, a qual, reconhecendo-se viva em Além-Túmulo, negava-se a abandoná-lo, afeita ao elo sentimental que os unira... Ele, portanto, não teve intenção de matar-se, não premeditou o suicídio, nem mesmo assistiu com os próprios sentidos ao ato que praticou. E, assim sendo, não houve o drama consciencial, ou seja, a responsabilidade de consciente infração a uma lei da Natureza, no sentido lato do termo. Caberá, portanto, ao obsessor a maior dose de responsabilidade no lamentável fato. Todavia, a consciência acusa-o de infrações outras, das quais resultaram a neurastenia e o desequilíbrio, da própria personalidade, que deram causa à obsessão e ao suicídio, como ao respectivo estado de penúria moral no mundo invisível. E quando uma rede de tais complexos agrilhoa a consciência de um Espírito desencarnado, só existirá para ele um recurso: a correção dos distúrbios íntimos, dentro de uma reencarnação reparadora! Este noticiário, que a ti surpreende, será, portanto, como a sua despedida, pois voltará muito breve a um a nova morada carnal. Agradece-te ele o que, como médium, a seu benefício fizeste sem o saberes, dentro dos ensinamentos do Consolador... Vinte e sete anos de estudo, de meditações e trabalhos, de lágrimas e experiências, nas paisagens da Pátria Espiritual, em conjugação com a Terra, reabilitaram-no plenamente, para que dele esperemos vitória decisiva no futuro aprendizado terrestre. E eis aí, minha amiga, as grandes tarefas que a todos nós, encarnados e desencarnados, o Consolador confia:

reeducar as almas frágeis, da Terra e do Invisível, enxugar as lágrimas da aflição, acender nos corações, entristecidos pelas amarguras desesperadoras, a divina lâmpada da Esperança, nortear os passos do caminheiro da Vida ainda vacilante, elevar a criatura, finalmente, para a glória da harmonização consigo mesma e com as leis do seu Criador, para o triunfo na vida imortal!”

Aqui, ao nosso lado, agora, desenha-se a figura perispiritual do antigo e bom amigo “Beletrista”. Que diferença daquela com que se nos apresentou há quase trinta anos! Vaporosa, fluidicamente bela, rejuvenescida, quase translúcida, agora encanta e entenece, porque recorda um poema de dores e de lágrimas, de trabalho e de progresso, de boa vontade e dedicação, drama acerbo que a Doutrina do Senhor remediou e consolou! Seu sorriso, no entanto, é ainda triste e seu semblante é grave. Apóia o punho fechado sobre a mesa em que estas linhas são traçadas - exatamente como, há vinte e sete anos, na mesa do “Posto Mediúnico”, onde terminávamos o receituário, dele ouvíamos a “tentação” para escrever sob seu controle mental, assinando nós mesma as produções que nos desse, afim de adquirirmos “fortuna” e “glória”. Fita o papel, sorrindo, lendo o que escrevemos... tal o velho hábito de participar dos nossos estudos e labores espiritistas... E dizemos-lhe, confiante, antigos amigos que somos:

– “Dá-me o teu nome agora, para que o transmita ao leitor...”

Aproxima-se... Puxa-nos docemente a orelha... e responde, com

aquele sorriso grave, que comove:

– “Curiosa!... Como tu és mulher!... Anseio por uma reencarnação que me leve a esquecer esse nome... e até a minha própria personalidade atual... Como queres que eu os relembre ao mundo?...”

Fez um gesto para retirar-se, traindo certo amargor com a recordação. Mas a nossa descaridosa impertinência o detém, e indagamos ainda:

– “E... Maria Elisa?...”

Bate com o punho fechado, brandamente, sobre a mesa, suspira, comprime os lábios num rictus denunciador de contrariedade. Parece que esses gestos lhe eram habituais durante a vida carnal... E responde:

– “Bem ... A misericórdia do Eterno foi grande bastante para se estender sobre as suas imensas desgraças... e a bondade paternal do venerando Dr. Bezerra de Menezes foi a intermediária de que Deus se serviu, a fim de socorrê-la...”

E lá se vai “Beletrista”, caminhando, a passos lentos, por uma estrada suavemente inclinada, sempre a mesma, mas agora como que esbatida por cintilações de opala...

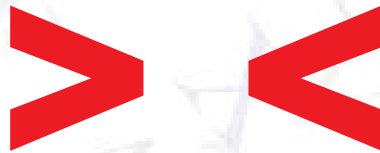
Vemo-lo ainda, muito ao longe... quando nada mais há a fazer senão preces amigas pela sua vitória final...

Fonte:

PEREIRA, Yvonne A. *Devassando o Invisível*. Págs. 174 - 209. Feb.

“Ao invés de” significa “ao contrário”

por Eduardo Martins



Um dos conselhos que podem ser dados a quem gosta de escrever ou falar bem é: seja simples. E, se possível, só use locuções e palavras a cujo respeito tenha absoluta certeza.

Se a recomendação for seguida à risca, ficará fácil evitar erros como o de confundir ao invés de e em vez de. Ao invés de tem uso extremamente limitado e designa oposição (significa ao contrário de). Assim, aparece em frases como: Ao invés de baixar, o preço subiu. Baixar é o contrário de subir. Portanto, a expressão está correta. Da mesma forma: Ao invés de entrar, o pessoal saiu. Entrar e sair são igualmente opostos.

Já em vez de designa substituição e corresponde a no lugar de. Então: Em vez de comprar verdura, comprou carne. Como se vê, ocorre mera troca. Alguém ia comprar

verdura e, no lugar dela, comprou carne. No entanto, erradamente, é comum aparecer nesse caso “ao invés de”, no lugar do certo, em vez de. Veja outros casos: Paguei 25 reais pelo livro, em vez de 20. / Em vez de sentar-se na cadeira, preferiu o banco.

O pior, no caso, é que o emprego errado de ao invés de decorre do requinte das pessoas para quem essa locução é mais elegante que em vez de. Uma dica importante: se estiver em dúvida, use em vez de, que serve para os dois casos.

Problema semelhante ocorre com duas outras locuções, que têm a mesma palavra-base e sentidos opostos. Trata-se de ao encontro de e de encontro a.

A primeira, ao encontro de, designa uma situação favorável: Ele foi ao encontro do pai na Rodoviária. / O aumento veio ao encontro das

suas necessidades (isto é, lhe agradeu). / O desempenho do time foi ao encontro das suas expectativas (atendeu ao que ele esperava).

Já de encontro a indica choque: Ele escorregou e foi de encontro à parede. / A decisão lhe desagradou porque veio de encontro aos seus desejos. / O carro foi de encontro ao muro.

O erro mais comum é empregar de encontro a no sentido positivo, ou seja, como se fosse ao encontro de. Repare, para não se atrapalhar com as duas formas, que de encontro a tem o sentido de colisão (de encontro ao muro, de encontro à parede, etc.).

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 61. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

No Reino Interior

“Sigamos, pois, as coisas que contribuem para a paz e para a edificação de uns para com os outros.”
Paulo. (Romanos, 14:19)

Não podemos esperar, por enquanto, que o Evangelho de Jesus obtenha vitória imediata no espírito dos povos. A influência dele é manifesta no mundo, em todas as coletividades, entretanto, em nos referindo às massas humanas, somos compelidos a verificar que toda transformação é vagarosa e difícil.

Não acontece o mesmo, porém, na esfera particular do discípulo. Cada espírito possui o seu reino de sentimentos e raciocínios, ações e reações, possibilidades e tendências, pensamentos e criações. Nesse plano, o ensino evangélico pode exteriorizar-se em obras imediatas.

Bastará que o aprendiz se afeiçoe ao Mestre.

Enquanto o trabalhador espia questões do mundo externo, o serviço estará perturbado. De igual maneira, se o discípulo não atende às diretrizes que servem à paz edificante, no lugar onde permanece, e se não aproveita os recursos em mão para concretizar a verdadeira fraternidade, seu reino interno estará dividido e atormentado, sob a tormenta forte.

Não nos entreguemos, portanto, ao desequilíbrio de forças em homenagens ao mal, através de comentários alusivos à deficiência de muitos dos nossos irmãos, cujo barco ainda não aportou à praia do justo entendimento.

O caminho é infinito e o Pai vela por todos.

Auxiliemos e edifiquemos.

Se és discípulo do Senhor, aproveita a oportunidade na construção do bem. Semeando paz, colherás harmonia; santificando as horas com o Cristo, jamais conhecerás o desamparo.



Chico Xavier - Emmanuel
Vinha de Luz